



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

**IZABELE ARAÚJO DA SILVA**

**CRIANÇAS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Rio de Janeiro  
2010

**IZABELE ARAÚJO DA SILVA**  
**CRIANÇAS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia do Centro de Ciências Humanas da UNIRIO, com requisito para obtenção do grau de graduação, orientada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carmen Sanches Sampaio.

Rio de Janeiro  
2010

*Dedico o presente trabalho a Deus, em primeiro lugar, que me sustentou até a conclusão do curso. A minha mãe, por sempre acreditar em meu potencial, meu pai, irmão e irmã, pelo apoio e credibilidade que me dispuseram.*

## AGRADECIMENTOS

A minha querida orientadora Carmen Sanches, que me possibilitou desde o início do curso uma visão sobre Educação com respeito. Através de suas disciplinas e orientação construí boa parte do meu pensamento profissional.

A minha professora de monitoria Cláudia Fernandes, por sua paciência em contribuir através de seus conhecimentos, com a minha formação.

A Deus, que nunca me abandonou durante minha caminhada.

A meus amigos que conquistei na faculdade e, aos que possuo fora dela, que sempre me ajudaram. E à minha maravilhosa família, que tanto orgulho me proporciona, por nossa união e força que nos sustentam dentro desse mundo tão difícil de viver. Amo muito todos vocês!

*Brincar com criança não é perder tempo, é  
ganhá-lo; se é triste ver meninos sem  
escola mais triste ainda é vê-los, sentados  
enfileirados, em salas sem ar, com  
exercícios estéreis, sem valor para a  
formação do homem.*

Drummond

## RESUMO

É inegável a importância das brincadeiras no cotidiano da Educação Infantil. O presente trabalho investiga como o brincar ocorre no espaço escolar, buscando compreender a importância das brincadeiras no processo de ensino-aprendizagem vivenciado por crianças e professores (as) no cotidiano de uma escola de Educação Infantil da rede particular de ensino. Buscando me aproximar dos modos como crianças e professores (as) compreendem o brincar optei por observar crianças e professores, pois o desafio assumido foi o de dialogar com modos como as crianças e professores (as) entrevistados (as) pensam o brincar no cotidiano. A pesquisa apresenta um breve histórico da Educação Infantil no nosso país. A centralidade do trabalho é a articulação entre teoria e prática.

## SUMÁRIO

I - Apresentação do tema .....	1
II – Educação Infantil no Brasil: breve histórico.....	4
III – A brincadeira na Educação Infantil: reflexões e práticas cotidianas .....	16
IV – Brincadeira na Educação Infantil: o que dizem os(as) professores(as).....	26
V - Considerações Finais.....	35
Referências Bibliográficas.....	37
Anexo.....	39

## **I – Apresentação do Tema**

O início de meu ingresso acadêmico foi marcado por uma experiência vinculada à Educação Infantil, pois tive a oportunidade de desenvolver um projeto relacionado à literatura e contação de estórias. Participei desse projeto por quase dois anos, na Biblioteca Infanto Juvenil (BIJU) da UNIRIO, juntamente com graduandos do curso de teatro e biblioteconomia, favorecendo o compartilhamento de saberes entre diferentes áreas do conhecimento. Realizávamos convites às escolas municipais próximas a BIJU e preparávamos o espaço para receber as crianças. Seleccionávamos o livro a ser lido, planejavamos a atividade a ser desenvolvida a partir da leitura e, pensávamos, também, o tipo de contação que faríamos.

Realizar a contação para crianças de Educação Infantil foi, para mim, algo intenso, pois percebi a riqueza dos saberes que as crianças possuem e o quanto desejam expressá-los. As crianças são curiosas, interessadas em aprender mais e mais. Precisam ser valorizadas como sujeitos de conhecimento.

Ao terminar o período de minhas atividades na BIJU passei a trabalhar como estagiária em uma ONG chamada Terra Ativa, localizada em uma comunidade próxima a minha casa. Nesse projeto, atuava como professora de reforço escolar e trabalhava com crianças na faixa etária entre 8 a 14 anos. Com essa experiência pude conhecer um grupo de crianças que não acreditava em si. Chegavam ao projeto afirmando que nada sabiam; que possuíam “dificuldades” para aprender. Suas falas revelavam que vivenciavam na escola relações autoritárias, sem possibilidade de diálogo com a despotencialização de seus modos de pensar.

Após vivenciar essas experiências, cursei a disciplina de Educação Infantil na Universidade, o que me auxiliou a compreender a importância da fase da infância para o desenvolvimento e aprendizado das crianças. Para mim, a Educação Infantil é um momento rico em saberes, que inevitavelmente encanta, devido a grandiosidade de caminhos diversos e de conhecimentos a serem descobertos, e que são traçados pelas crianças. Assim meu interesse nessa área do conhecimento é estudar e refletir sobre a importância da brincadeira para o desenvolvimento e aprendizado infantil.

Nas escolas de Educação Infantil é fundamental que o cuidar e o educar sejam compreendidos como indissociáveis. Cuidar no sentido de zelar, acompanhar, observar e participar das atividades realizadas pelas crianças. Educar, no sentido de garantir na escola

espaços para que as crianças possam se apropriar de novos conhecimentos de maneira lúdica prazerosa, instigante, provocativa.

Sônia Kramer alerta-nos:

*[...] o espaço educa por que promove o desenvolvimento de habilidades e sensações, com base em sua riqueza e diversidade. Por meio do elemento material do espaço, a criança experimenta o calor, o frio, a luz, a cor, o som e, em alguma medida, a segurança. (2009, p.85)*

Nesse sentido, penso que esse espaço deve ser um local acolhedor para as crianças, e precisa garantir os diversos meios que os pequenos precisam para se desenvolver e aprender.

Ressalto que o foco dessa ação investigativa é pesquisar sobre a importância do brincar no processo ensino-aprendizagem. O trabalho de campo foi realizado em uma escola da rede particular de ensino, no município do Rio de Janeiro. A escola atende crianças e jovens dos 2 anos até 18 anos: da Educação Infantil ao Ensino Médio. Possui um grande espaço arborizado, uma quadra coberta e dois prédios. Na entrada, encontramos a secretaria, a biblioteca e a sala de reunião. No 1º andar ficam as salas de Educação Infantil, banheiros, sala da coordenação do ensino infantil e fundamental I. No 2º andar ficam as demais salas do infantil, banheiros e um atelier. No segundo prédio, encontra-se, no 1º andar, as salas de aula do fundamental I e II, banheiros, laboratório de ciências, sala de coordenação do ensino fundamental II e do ensino médio. No 2º andar ficam as salas do ensino médio, sala de robótica e sala de mecanografia. Na parte externa da escola há “casa de bonecas”, areal, cozinha e refeitório. Esse último, acompanhado diariamente por nutricionistas. A equipe pedagógica é formada por coordenadores, psicopedagogos e orientadoras.

Os espaços físicos da escola estão preparados e adaptados para atender as necessidades de cada grupo de alunos, com pias baixas, estantes com livros e materiais de fácil acesso, janelas, também baixas para que as crianças possam ver a área externa. O horário de funcionamento é de 7h as 18h.

O 1º turno atende a turmas do Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Há, ainda, o horário extenso para crianças de 02 a 10 anos com diversas atividades como: judô, capoeira, xadrez, dança criativa, ballet, estudo dirigido, basquete, futebol, vôlei, música, yoga, teatro e vôlei. As observações que realizei aconteceram, na maior parte do tempo, nesse horário, na atividade denominada recreação, onde atuam dois professores, uma com formação em

Pedagogia e um outro professor com formação em Educação Física. O diálogo com esses dois profissionais foi freqüente, pois me interessava saber qual a importância, para cada um desses professores, da brincadeira para o processo de aprendizagem e desenvolvimento infantil.

Acompanhei durante três meses uma turma de Educação Infantil, um grupo de 16 crianças, com idades entre 2 a 4 anos, onde o alvo da atividade eram as brincadeiras. Os docentes em alguns momentos sugeriam às crianças do que brincar, em outros momentos, as crianças decidiam sozinhas.

A pesquisa foi realizada através de observações das crianças brincando sozinhas e/ou com os (as) professores (as). Conversei com as crianças buscando compreender algumas atitudes que aconteciam durante as brincadeiras, transcrevendo para meu caderno de campo as conversas e as falas ocorridas durante o brincar. Como observadora também participei das brincadeiras, realizando uma observação participante. Do que brincam, no dia a dia da escola? Como brincam?

Realizei, também, entrevistas com três professores(as): uma trabalha na rede municipal de ensino, e os demais atuam na escola particular, aonde realizei a pesquisa de campo. O professor e a professora são responsáveis pela turma que acompanhei/investiguei. Como os(as) professores(as) compreendem as brincadeiras das crianças com as quais trabalham? O que dizem, crianças e professores(as), confirmam, e/ou interroga a teoria?

Nessa monografia me desafio a relacionar prática e teoria, pois, para mim, a reflexão sobre a prática pedagógica é parte da formação inicial e permanente de professores e professoras.

## II – Educação Infantil no Brasil: breve histórico

A partir de 1880 iniciam-se no Brasil conversas sobre a necessidade da criação de instituições pré-escolares (creches, jardins de infância e asilos) e, com a chegada da República (1889), houve um grande crescimento de instituições destinadas a essa fase da vida. Com a criação de uma lei em 1879 e um Parecer em 1882, respectivamente assinados por Leôncio de Carvalho, ministro do Império e o jurista Rui Barbosa, a defesa de oferta da Educação Infantil ficou bem explícita.

Nesse período já havia algumas creches particulares instaladas no Rio de Janeiro, através do médico José Menezes de Vieira. Norte-americanos, membros da Igreja Batista, também trabalhavam nesse âmbito em São Paulo. Focando nessas primeiras esferas destinadas a atender as crianças, notamos a isenção do Governo com essa responsabilidade, deixando-a para organizações privadas.

Com o grande número de mulheres no mercado de trabalho as creches se expandiram visivelmente por uma necessidade de uma sociedade capitalista, que buscava mão de obra para trabalhar nas indústrias, e não por um pensar em uma educação para as crianças. Nesse contexto, tínhamos as creches como locais de apenas cuidar das crianças, sem qualquer preocupação com seu aprendizado ou desenvolvimento, de um modo geral funcionando como “um depósito de crianças”. Nesse contexto FARIA (1997), afirma:

*As instituições pré-escolares têm como características o fato de não funcionarem em regime de internato. Na história das instituições pré-escolares estão presentes os temas da infância, da modernidade e do trabalho feminino. Estes temas e as próprias instituições pré-escolares se relacionam com o processo de construção da sociedade capitalista, da urbanização e da organização do trabalho industrial. (p.25).*

Assim, notamos logo que a criação de lugares destinados ao grupo de crianças de 0 a 6 anos não se deu de maneira a pensar em um ambiente preparado para elas. Pensar nas crianças como seres que dialogam com o mundo a sua volta, que precisam ser cuidadas e ouvidas, e que possuem potenciais incríveis que devem ser estimulados, realmente não foi um motivo defendido para a criação das pré-escolas. Percebemos o seu surgimento como uma forma de suprir as necessidades de uma sociedade capitalista que crescia aceleradamente, sem preocupar-se com o bem estar das crianças.

Nesse momento as discussões em torno da assistência à infância sustentavam-se em

saberes médicos, jurídicos e religiosos. Na visão médica, o grande combate era com os problemas da mortalidade infantil sendo fundado o IPAI (Instituto de Proteção e Assistência à Infância), no Rio de Janeiro em 1899 pelo médico Arthur Moncorvo Filho, que chegou a vinte e duas filiais no Brasil. Na perspectiva jurídico-policia as preocupações direcionavam-se a não permitir o abandono por parte das mães de seus filhos nas ruas, o que causaria o aumento da criminalidade de modo que a proposta educacional era de evitar que influências das ruas corrompessem as crianças. As instituições pré-escolares assistencialistas focavam o trabalho com as crianças de famílias populares a fim de evitar uma possível perturbação às elites do Brasil. Sobre esse aspecto é novamente FARIA que me ajuda a melhor compreender essa questão:

*O Estado teria apenas a função de supervisionar e subsidiar as entidades propiciando, então, a existência de um atendimento fracionado em múltiplas instituições e a utilização de inquéritos minuciosos sobre as vidas particulares para selecionar as pessoas que seriam atendidas, além da atribuição de um papel educativo à assistência a fim de evitar a luta de classes. (1997, p.26)*

Nesse contexto, a grande missão dessas instituições era o de cuidar dos filhos das operárias enquanto elas trabalhavam, visando uma melhor condição de saúde e com o objetivo de prepará-los para o trabalho, de maneira que não se esquecessem das condições de pobreza que viviam e ainda aceitassem sem pretensão de mudança. Enquanto nas creches particulares desenvolviam-se atividades educativas, nas instituições populares a preocupação com as crianças se restringia ao assistencialismo. O cuidar e o educar em sua totalidade eram inexistentes, não se pensavam projetos que valorizassem saberes.

Um dos modelos mais marcantes de Educação Infantil trazido para o Brasil foi o criado pelo pedagogo Friedrich Froebel (1782-1852) na Alemanha. Esse modelo deu origem ao nome Jardim-de-infância, em 1940. Em vários estados do país foram instalados esses modelos, também chamados de *Kindergarten* brasileiro, a fim de aplicar “modelos froebeliano”. Cria-se então uma relação entre a primeira infância e o cultivo de plantas. O professor de acordo com esse pensamento seria o jardineiro que cuidava das plantinhas a fim de que crescessem fortes e saudáveis. Os jardins-de-infância surgiram para atender mães que precisam trabalhar fora, no entanto buscavam uma distinção entre as creches que carregavam uma imagem de instituição que oferecia assistência às famílias pobres, enquanto o jardim-de-infância era visto como parte importante do ensino primário da escola.

A partir de 1940 os índices de desnutrição e mortalidade infantil no Brasil

aumentaram por isso organismos internacionais passaram a propor ações para a infância como: O Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) em 1946; Departamento Nacional da Criança, do Serviço de assistência a Menores (SAM- 1941); Comitê Brasil da Organização Mundial de Educação Pré-Escolar em 1953; Campanha Nacional de Alimentação Escolar (CNAE) em 1955; a Legião Brasileira de Assistência (LBA) em 1942, voltada a assistência de famílias necessitadas; posteriormente o Projeto Casulo. A Secretaria Geral de Educação e Cultura em 1944 estruturou o ensino público pré-primário do Distrito Federal, um decreto que regulava também os jardins de infância privados, ficou então estabelecido a faixa etária que seria de incumbência das escolas públicas para o atendimento pré-escolar: a partir dos 4 anos de idade. Com isso as crianças com idades inferiores a essa ficaram as margens do ensino público, esse decreto da SME (Secretaria Municipal de Educação) permaneceu como única orientação para a educação infantil por quase 50 anos.

Em 1940, foi criado o Departamento Nacional da Criança, que representava um plano de instituição única para assistência à infância, Essa instituição foi chamada “Casa da Criança”, um local que funcionava como berçário, maternal, jardim-de-infância e pré-escola, todos ao mesmo tempo.

A Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) de 1967, onde um dos deveres dos estabelecimentos com mais de trinta mulheres trabalhando era o da manutenção de creches para as crianças na “primeira infância” demonstra bem o aumento da presença feminina no trabalho industrial, assim como o descomprometimento do Estado com a Educação Infantil. Durante a década de 30, já havia escolas maternais que atendiam crianças de 2 a 4 anos, podendo ocorrer algumas exceções no desrespeito à idade e, jardins-de-infância para as crianças com idade entre 5 e 6 anos. Nessa visão notamos uma tentativa da divisão das etapas da infância, onde algumas creches posteriormente passam a se denominarem como berçários (atendendo crianças de 0 a 2 anos), bem como o maternal (2 a 4 anos) e o jardim-de-infância (4 e 5 anos).

Nessa paisagem notamos, claramente, que na maioria das creches públicas o atendimento prestado é assistencialista, preocupando-se apenas com a oferta de alimentação, higiene e segurança física. A ausência de verbas públicas para a implementação de políticas públicas para a educação dos pequenos é notória. Entidades privadas assumem os deveres com a educação de crianças de 0 a 6 anos, nesse período.

Na tentativa de mudar o quadro apresentado, onde além da falta de estrutura educacional havia também a escassez de creches destinadas às classes populares, promove-se a criação de creches domiciliares e comunitárias. As primeiras, atendidas por mulheres que em suas próprias casas cuidavam dos filhos de mães que trabalhavam fora, em troca de algum valor; e, as creches comunitárias, construídas e mantidas pela comunidade. Por não possuírem qualquer auxílio Governamental a precariedade era extrema nessas creches. Apenas nas décadas de 80 e 90, as prefeituras iniciam um pequeno apoio a algumas creches comunitárias, no entanto, sem qualquer tipo de planejamento, onde as áreas rurais e periféricas não foram beneficiadas com esses recursos.

O número de evasão e repetência das crianças das classes pobres no primeiro grau era explícito em 1970, por esse motivo foi instituída a educação pré-escolar com a intenção de preparar as crianças para a escola e assim suprir as carências. Esse programa foi influência de pesquisas sobre o desenvolvimento infantil realizadas nos Estados Unidos, Itália e Alemanha após a 2ª Guerra Mundial e era dirigido à crianças pobres, filhas de negros e imigrantes. Notamos que essa teoria compreende a família como responsável pelo mau rendimento escolar, pois se acreditava que o meio social a qual a criança pertencia não oferecia requisitos culturais e lingüísticos necessários para o desenvolvimento infantil. Sobre esse aspecto vale mencionar que ainda nos dias atuais muitas escolas culpam as famílias e também as próprias crianças pelo fracasso escolar ausentando-se de qualquer responsabilidade, o que dificulta uma mudança no ensino do país.

A educação compensatória, sendo um projeto vindo dos Estados Unidos com um histórico de fracasso é aplicada no Brasil sem qualquer adaptação a nossa realidade, vista como “solução” para os problemas da Educação Infantil. Concluimos que ao invés do governo investir em uma educação responsável que visasse os interesses de nossas crianças, optava por reproduzir estudos e técnicas realizadas por outros países tão diferentes do Brasil, pois nossas necessidades eram outras e o governo permanecia vetado a elas.

As pessoas que atuavam nas pré-escolas das classes populares eram voluntárias, pois não havia contratação e remuneração digna para professores qualificados. Muitos desses voluntários acabavam por desistir do trabalho. Nesse caminho a Educação Infantil ora era alvo de tentativas de uma melhoria, ora retrocedia nas conquistas, com um atendimento escasso sem finalidade educativa específica. As redes de pré-escolas direcionadas às camadas populares começaram a ser alvo de críticas.

Se analisarmos a situação da educação atual no Brasil, percebemos que regiões mais pobres como o Nordeste, ainda sofre com a baixa oferta de ensino aos pequenos, bem como a baixa qualidade que instituições de Educação Infantil para essa região possuem, comparados ao Sudeste por exemplo.

Em 1974 o Ministério da Educação e da Cultura criou um serviço de Educação Pré-Escolar (SEPRE), e em 1975 a Coordenadoria de Educação Pré-Escolar, com o objetivo de expandir as redes de pré-escolas no país, assim é criado o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), o modelo desenvolvido era o preparatório e o compensatório onde respectivamente acreditava-se em uma educação que preparasse as crianças pobres para o ensino primário evitando a continuidade dos altos índices de fracasso escolar, e rotulando-as como “carentes” e incapazes do sucesso sem a existência desses fatores emergenciais Nesse sentido julgavam as crianças das classes populares como “foras dos padrões” de cultura e infância, sem a pretensão de despertar nos pequenos mudanças e o reconhecimento de si mesmos como integrantes da sociedade, marcando o preconceito e a discriminação das crianças segundo suas as origens socioeconômicas.

Apesar da criação da UNICEF ter sido em 1946, sua atuação significativa apareceu no ano de 1979, onde a Organização das Nações Unidas (ONU) definiu ser o Ano Internacional da Criança, assim é criada a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social (SMDS), para atuar com a população dos bairros pobres, que durante os últimos anos cresceram desordenadamente e ansiavam por educação, saúde e saneamento básico.

A LBA em 1977 lança o Projeto Casulo, com o objetivo de preparar as crianças para a escolaridade futura. A função da LBA era de implantar no país, instituições que atendessem as crianças pobres, desenvolvido com baixo investimento uma maneira de “baratear” o ensino destinado às crianças, onde o trabalho era voluntário com o objetivo de controle social, focando o atendimento ao “tomar conta” dos filhos de famílias das classes populares e permitir a permanência das mães no trabalho. O Projeto Casulo e as instituições tinham como principio uma educação de submissão e aceitação da realidade, no entanto vistos como um bem que era oferecida a população, ignorando as crianças como seres participativos e criativos.

*[...] as crianças pequenas das classes populares eram atendidas em convênios com instituições filantrópicas, organismos internacionais, como o Unicef, e em projetos governamentais como as Creches Casulo, da LBA. As crianças das classes média e alta freqüentavam pré-escolas particulares; os espaços da educação infantil na rede pública continuavam restritos:*

*enquanto para as primeiras os programas eram de baixo custo e qualidade duvidosa, as segundas tinham acesso a escolas experimentais e diversidade de métodos, em uma época de incentivo à iniciativa privada.*(NUNES & CORSINO & KRAMER, 2009, p.15)

Nessa perspectiva notamos o quanto o acesso a uma Educação Infantil de qualidade era difícil, órgão governamental como o SMDS funcionava desvinculado da SME (Secretaria Municipal de Educação), onde o primeiro ficaria responsável pela expansão das creches comunitárias e convênios com algumas instâncias públicas, como o Plano Especial de Educação implantado em 1985, responsável pelas Casas da Criança e as Classes de Alfabetização nos Centros Integrados de Educação Pública (CIEP), ambos em horário integral. A SME atuava com os jardins-de-infância e oferecia turmas de alfabetização em horário parcial para crianças maiores de 3 anos, sendo estas turmas em local específico para a Educação Infantil nas redes públicas no entanto isolados dos demais espaços existentes para atender os pequenos. O número de ofertas na rede municipal era escasso, além do difícil acesso a essas escolas, esses foram fatores que auxiliaram ainda mais o crescimento de creches comunitárias.

Aos poucos, os programas sociais passaram a ter participação do governo. Em 1993 foi definida a natureza da educação infantil, distribuindo as crianças de acordo com a faixa etária: até os 2 anos de idade as crianças ficavam a cargo do maternal-infantil, por profissionais da área de saúde; de 2 aos 3 anos o atendimento seria realizado na “classe maternal”, com atividades recreativas; A partir dessa idade o atendimento às crianças se subdividiu em três etapas – 1) jardim de infância I (idades entre 3 e 4 anos); 2) jardim de infância II (de 4 a 5 anos de idade); 3) jardim de infância III (5 e 6 anos).

Percebemos que apesar das inúmeras tentativas de mudança ao atendimento às crianças pequenas, a ausência de uma política contínua com especificidades ao atendimento infantil evidenciava a descontinuidade das políticas públicas ocorridas no Brasil. A falta de orientação e de um acompanhamento pedagógico ao longo da história tornou a Educação Infantil como um segmento desamparado e alvo de descompromissos governamentais. A Constituição Federal de 1988 menciona a educação como direito de todos além de estruturar a Educação Infantil como dever do Estado:

*São direitos dos trabalhadores urbanos e rurais, além de outros que visam a melhoria de sua condição social: (...) a assistência gratuita dos filhos e dependentes desde o nascimento até seis anos de idade, em creches e pré-escolas. (Art.7 da Constituição Federal, 1988, p.14).*

*O dever do Estado com a educação será efetuado mediante a garantia de (...) IV- atendimento em creches e pré-escolas às crianças de zero a seis anos de idade. (Art. 208, idem, p.91)*

A Educação Infantil passa a ser um direito da criança e uma opção da família, as creches deixam de ser vistas apenas como necessidade da mulher trabalhadora, e passa também a ser responsabilidade das empresas e do Estado, buscando uma superação da situação de pobreza que se encontrava a maioria da população no Brasil. A Constituição de 1988 foi uma vitória para a população que há tempos buscava o comprometimento do Estado com a Educação das crianças pequenas, esta agora é um direito constitucional das crianças desde que nascem, além de trazer avanços em outras áreas, pois também deu início à municipalização do ensino.

A Constituição Federal insere as crianças no mundo dos direitos, reconhecendo-as como pessoas em desenvolvimento, garantindo a legitimidade da criança com o outro e a diferenciando dos adultos. A Educação Infantil avançou bastante no que diz respeito ao direito da criança. Através dessa Constituição, as crianças são tratadas como sujeitos, que possuem direitos de escolhas, participativas e ativas, diferente do que observamos ao longo da história, instituições tratavam as crianças como seres incapazes, incapazes de pensar sobre um assunto, incapazes de opinar, de criar e solucionar problemas. Muitos espaços que na teoria seriam destinados a garantir o desenvolvimento, o aprendizado e a socialização, agiam ao inverso, aprisionando a capacidade extraordinária de criatividade que a criança possui.

Um documento elaborado pela ANPEd (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação), em 1989, onde a creche e a pré-escola foram incluídas na política educacional, garantindo que a educação das crianças de zero a seis anos como dever do Estado abandone o caráter assistencial para abranger atividades pedagógicas para além da saúde, higiene e alimentação, sendo espaços que estimulem o conhecimento a ampliação de experiências e a comunicação com o mundo, buscando uma transformação e criação da realidade. O artigo 227, que integra o capítulo VII, expressa de forma clara os direitos da criança e do adolescente, um marco para a infância no Brasil fala sobre as obrigações do Estado e da sociedade para garantir o direito à proteção especial desses sujeitos:

*É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência e opressão. (BRASIL, 1988).*

Com a criação de Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei 8069/90, fica a cargo, definitivamente, dos municípios a questão da infância e do adolescente, complementando e especificando o que a Constituição Federal instituiu. Esse Estatuto estabelece a criação de diretrizes municipais de atendimento aos direitos da criança e do adolescente e do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, além da criação do Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente e do Conselho Tutelar. Aristeo Filho faz uma reflexão sobre a importância desse Estatuto para a construção de uma visão de criança como cidadã, onde afirma: “Pelo ECA, a criança é considerada como sujeito de direitos. Direito ao afeto, direito de brincar, direito de querer, direito de não querer, direito de conhecer, direito de sonhar e de opinar.”(2001, p.32)

Reconhecer as crianças como seres participativos e pensar no outro dentro da situação, significa colocar - se no lugar da criança para assim considerar a complexidade dessa fase. Entender que embora sejam crianças, possuem características diferentes entre si, seus comportamentos variam, são singulares dentro do processo aprendido.

A expectativa buscada com a criação das políticas públicas para a Educação Infantil era que os municípios criassem mais vagas e matrículas nas pré-escolas de maneira mais efetiva, no entanto os primeiros anos da década de 90 foram marcados por propostas que não saíram do papel. Os municípios encontravam-se dependentes financeiros dos governos federais e estaduais, e o processo de transferir para o município a responsabilidade de efetivação de políticas educacionais com verbas próprias ou repassadas pelo o Estado, a fim de firmar a municipalização, atravessava grande dificuldade, o país passava por uma crise de recessiva, onde verbas públicas eram escassas, assim o trabalho pedagógico foi prejudicado, e como consequência pré-escolas pouco democráticas.

O Ministério da Educação e Desporto (MEC), durante o contexto envolvendo a Constituição Federal e o ECA, em 1994 assume seu papel de propor uma Política Nacional de Educação Infantil, tendo em vista a situação atual que se encontrava a educação infantil no país, o MEC instituiu uma Comissão Nacional de Educação Infantil (CNEI) que auxiliou na elaboração da Política Nacional de Educação Infantil, diretrizes importantes foram expostas nesse documento entre eles um dos fatores indissociáveis que devem abranger a educação dos pequenos: cuidar e educar. “A educação infantil é vista como a primeira etapa da educação básica, visa proporcionar condições para o desenvolvimento pleno da criança considerando as

diversidades sociais e culturais e reconhecendo-as como seres completos.” (Brasil, 1994, p.15-16).

Em 20 de dezembro de 1996 é aprovada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9.394/96), a LDB. Sobre essa lei Ligia Aquino afirma “o reconhecimento da criança como sujeito que se educa desde seu nascimento, a educação para a pequena infância passa a ser considerada como primeira etapa da educação básica” (2008, p.189). A atual LDB Nº 9.394/96 apresenta três artigos que de maneira objetiva e significativa trata sobre a educação infantil:

*A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até os 6 anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da sociedade.(Art. 29.)*

*Na educação infantil a avaliação far-se-á mediante acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental. (Art.31.)*

*A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal. (Art.62.)*

A LDB favorece para uma preparação dos profissionais que atuam na educação infantil, assegurando uma formação mínima além de integrar esse segmento aos sistemas de ensino, garantindo para além do cunho assistencialista e visando uma educação integral. A visão preparatória para o ensino primário é desconstruída e a educação infantil é defendida como etapa da educação básica com independência dos demais segmentos.

Após a LDB, houve a Resolução SMDS/SME (nº 405, de 03 de dezembro de 1997), onde ficou definido que o atendimento às crianças de 0 a 3 anos e 11 meses seria de responsabilidade da SMDS, e às crianças de 4 a 6 anos, da SME, essa resolução marcou o início da incorporação da educação infantil a cargo da SME reduzindo as responsabilidades da SMDS. Em 2000 as crianças de 6 anos foram incorporadas ao ensino fundamental. Após um processo gradativo a educação infantil em 2004 foi transferida para a SME, sendo responsável pelas coordenadorias (CREs), creches e escolas.

Essa história da educação infantil, marcada pela descontinuidade da presença do Estado marca a desigualdade e o descompromisso com o ensino das crianças pequenas. O que vemos ainda nos dias atuais é a mesma busca por uma educação que valorize os saberes das crianças, que considere o desenvolvimento e aprendizado como vias iguais, assim como o cuidado respeitando as crianças como seres íntegros com direitos e vozes dentro da sociedade.

Em 1998 o MEC publica o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), com o objetivo de traçar parâmetros curriculares nacionais, especificando os diferentes níveis de ensino no Brasil e ampliar as políticas educacionais do governo. Trata-se de um conjunto propostas a professores de creches e pré-escolas, não como regras a serem seguidas incontestavelmente, mas como um debate e leitura crítica sobre pensamentos em torno da Educação Infantil. O RCNEI não tem valor legal, e foi construído sem a participação da sociedade civil, negando as diversidades culturais e sociais que o país possui em relação a educação.

Regina Alcântara de Assis, conselheira do Conselho Nacional de Educação (CNE), relata e aprova o parecer 022/98, em 17 de dezembro de 1998 sobre as Diretrizes Nacionais para a Educação Infantil. Esse documento considera as crianças como sujeitos de direitos e visa programas de cuidado e educação, com dignidade e qualidade. O parecer segundo Filho (2001, p.42) fala sobre uma infância que foi marcada por negligência e ausência de uma definição de “criança cidadã”, uma percurso histórico que negou as responsabilidades do estado e da sociedade em relação aos pequenos. Notamos a importância do parecer para uma visão das características da criança, reconhecendo-a com potencial e participativa:

*Crianças pequenas são seres humanos portadores de todas as melhores potencialidades da espécie: inteligentes, curiosas, animadas, brincalhonas em busca de relacionamentos gratificantes, pois descobertas, entendimento, afeto, amor, brincadeira, bom humor e segurança trazem bem estar e felicidade; tagarelas, desvelando todos os sentidos e significados das múltiplas linguagens de comunicação, por onde a vida se explica [...] (FILHO, 2001, p.43 e 44, apud Parecer 022/98, p.7)*

O Fundef (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério) foi criado a partir de uma Ementa Constitucional nº14 e regulamentado pela lei nº 9.424, em dezembro de 1996, no entanto, apenas em 1º de janeiro de 1998 passou a vigorar de maneira obrigatória, tendo vigência até 31 de dezembro de 2006. A intenção buscada com a criação do Fundef, era da valorização do magistério e garantir o

desenvolvimento do ensino fundamental, tendo como princípio disponibilizar um valor anual mínimo nacional por matrícula no ensino fundamental de cada rede municipal e estadual.

O Fundef redistribuiu, em âmbito estadual, entre o governo estadual e os municipais, uma parte dos impostos que já estavam vinculados a MDE (Manutenção do Desenvolvimento do Ensino), nesse contexto Nicholas Davies afirma: “o governo federal [...] não cumpriu o artigo da lei do Fundef (9.424) que estabelecia o critério de cálculo do valor mínimo nacional, que serviria de base para o cálculo da complementação” (2008, p.26). O artigo mencionado diz o seguinte sobre o valor mínimo nacional.

*Nunca será inferior à razão entre a previsão da receita total para o Fundo e a matrícula total de ensino fundamental no ano anterior, acrescida do total estimado de novas matrículas. (BRASIL, art. 6º da lei n.9.424/96).*

Não podemos negar a importância do Fundef para a diminuição de miséria dos recursos educacionais, pois com a redistribuição promoveu um nivelamento de recurso por matrícula dentro de cada estado. Porém entendemos que a criação desse Fundo também trouxe perdas para municípios com menos habitantes e com uma receita própria inferior e assim mais pobre como menciona Davies (2008), nessa concepção alguns municípios contribuíram mais do que receberam do Fundef o que para os municípios com população menor foi impactante.

Em 2006 o Fundef foi substituído pelo Fundeb (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica). Após muitas discussões as crianças de 0 a 3 anos foram incluídas no Fundeb, pois enquanto Fundef as creches não participavam das redistribuições dos recursos, sendo a Educação Infantil instituída como parte da educação básica (LDB/96), agora também é reconhecida com necessidades de um fundo que auxilia o financiamento.

O Ensino Fundamental continua sendo uma prioridade da educação nacional, mas a Educação Infantil cada vez mais ganha forças dentro do âmbito educacional no Brasil. É clara a grande mudança que houve em relação ao modo de olhar de crianças, a legislação brasileira avançou bastante no que diz respeito ao direito da criança. Nessas legislações as crianças são tratadas como sujeitos, que possuem direitos de escolhas, participativas e ativas, no entanto, ainda há muito a ser feito. Para garantir a qualidade da Instituição de Educação Infantil (IEI), é necessária uma elaboração em conjunto das propostas pedagógicas, dialogar com as famílias e ouvir as crianças. Existem leis, decretos e estatutos que defendem os interesses das crianças

visando seu crescimento e desenvolvimento de maneira integrado a saúde e respeitando os direitos humanos e assistenciais.

### III - A Brincadeira na Educação Infantil: reflexões e práticas cotidianas

Apesar das mudanças ocorridas na Educação Infantil, ela ainda é compreendida, por muitos, com maus olhos. Frases como: “Só vai pra escola pra desenhar e brincar” ou “dar aula para crianças desse tamanho qualquer um pode,” ainda são comuns. Refletindo sobre os modos como a educação para os pequenos foi pensada e praticada no seu início e boa parte da sua existência acredito que acontecimentos ocorridos na história refletem nos dias atuais, pois por muitos anos simplesmente negamos a importância dos saberes existentes na fase da infância trazendo esse desinteresse para a Educação Infantil, que tanto foi e infelizmente ainda é, por alguns, tão desvalorizada.

A Educação Infantil, para mim, é uma das áreas mais importantes da educação. Trabalhar com os pequenos é, ao mesmo tempo, complexo e maravilhoso, pois podemos provocar o desejo pelo conhecimento, incentivando a criação e a curiosidade infantil. Como nos fala Paulo Freire: [...] *ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção.* (2006, p.47)

Na Educação Infantil temos, sim, trocas e construção de conhecimentos, pois as crianças são seres pensantes. Apesar de pequenas já enxergam o mundo de modos singulares; participam e interagem de maneira viva com o mesmo. Para elas, aprender brincando faz parte dos modos como conquistam os saberes e se desenvolvem de maneira ativa.

Brincar vem sendo foco de estudo por muitos especialistas, pedagogos, psicanalistas, psicólogos. A criança, através da brincadeira, abre possibilidades para que nós adultos possamos conhecê-la, entender como enxergam e dialogam com o mundo. As brincadeiras realizadas no espaço de Educação Infantil contribuem para que os professores compreendam as maneiras como as crianças constroem seus conhecimentos. No momento em que brincam as crianças vão construindo conceitos indispensáveis para o desenvolvimento e aprendizado, e através do brincar o fazem com uma naturalidade e criatividade que envolve aspectos como: imaginação, interação, linguagem, socialização, dominação.

*Ao brincar, a criança não apenas expressa e comunica suas experiências, mas as reelabora, reconhecendo-se como sujeito pertencente a um grupo social e a um contexto cultural, aprendendo sobre si mesma e sobre os homens e suas relações no mundo, e também sobre os significados culturais do meio em que está inserida. O brincar é, portanto, experiência de cultura, por meio da qual as crianças constituem coletivamente valores, habilidades, conhecimentos e formas de participação social.* (BORBA, 2008, p.82.)

Durante a brincadeira a criança mistura real e imaginário. Por exemplo, na “casinha” existe o pai, a mãe e o filho como sujeitos da ação, refletindo em sua atitude o que vive no seu cotidiano. Mas, nada impede que nessa mesma brincadeira apareça uma fada ou uma bruxa.

No momento em que brinca, a criança põe em prática idéias que possui sobre as ações dos adultos, no entanto, essa não é a única motivação, pois, o brincar é algo natural da infância. Nesse sentido, Vasconcellos menciona na obra “Reflexões sobre Infância e Cultura” que a criança brinca sem obrigatoriamente produzir algo, ou seja, é inegável o reconhecimento do desenvolvimento e aprendizado que a mesma produz, no entanto, o que a autora aborda é que no momento em que existe a obrigação de brincar, este perde totalmente o seu real sentido, pois deixam de atender as necessidades da criança: [...] *o brincar é eletivo. Ninguém obriga ninguém a brincar. É um processo que só tem lugar se for de livre escolha e se puder ser exercido sob o controle dos próprios sujeitos.* (VASCONCELOS, 2008, p.115)

Entendo que o (a) professor (a) pode e deve participar desse momento. É importante mediar os diálogos entre os envolvidos na brincadeira, a fim de incentivar que uma criança ouça a outra, mas de maneira alguma decidir sempre por elas como a brincadeira será realizada impondo condições para a realização da mesma. As crianças precisam nas brincadeiras colocar em jogo seus interesses, desejos, curiosidades.

ROSA (1993, p.79) traz o pensamento de que a criança brinca para expressar desejos, fantasias e experiências e o faz através da atitude de brincar usando o simbolismo para representá-lo. A criança imagina, finge, interpreta, inventa formas para interagir com o mundo dos adultos. Através das brincadeiras podemos compreender situações cotidianas vividas pela criança.

A brincadeira abre situações para que a criança construa e compreenda através de suas ações a realidade, o brincar favorece a autonomia, interação e o convívio social. As crianças exercem papéis e criam ações que são fontes de desenvolvimento e aprendizado. São atividades conscientes, mediatizadas por objetos reais onde o caminho das ações é determinado pela criança.

Através da brincadeira a criança constrói sua própria identidade, e se reconhecem como membros de um grupo social. O brincar é uma forma de compreensão e de ação sobre a realidade, elas não apenas reproduzem a vida humana durante a brincadeira, também recriam as ações a fim de afirmar e construir culturas infantis.

Em minha pesquisa registrei a brincadeira que aconteceu entre mim e uma criança com idade de três anos, em um espaço com pia, panelinhas, fogão, geladeira e mesa sendo objetos de brinquedos:

Luiza - *Vou lavar a louça que está dentro da pia* (imitando o som da água caindo da torneira)

Luiza - *Vamos cozinhar?* (concordei e fui arrumar as panelinhas)

Luiza - *Vou fazer carne, geléia de morango, suco, brigadeiro...* (pensando em mais coisas para falar)

Luiza - *Come!* (oferecendo um pratinho “vazio”)

Finjo estar comento imitando o som da mastigação.

Luiza - *Tá bom de açúcar?*

Respondo que está um pouquinho azedo e peço para que coloque mais açúcar.

Luiza - *1, 2, 3,... 8, colheres de açúcar. 1, 2, 3,... 8 colheres de chocolate.*

Luiza - *Agora come. Tá gostoso?*

Através da brincadeira Luiza revela conhecimentos quanto conhece sobre os números e medidas de receita. Em algum momento do seu cotidiano observou e/ou interagiu com algum adulto fazendo brigadeiro ou cozinhando. Sabe que é necessário estipular medidas (8 colheres), para que se possa cozinhar. Nessa mesma brincadeira também notamos a satisfação dos desejos, Luiza “cozinhou” as coisas que mais gosta de comer, além de “lavar louças”.

Vygotski afirma que a criança brinca porque sente necessidade de participar da “vida real” dos adultos, ou seja, ela anseia dominar as ações humanas, realizá-las e busca através dos jogos e das brincadeiras a realização do “eu mesmo”, onde ela pode livremente ser o centro, dominar as ações que serão executadas. É a satisfação dos desejos. (2006 p. 121)

Os brinquedos não são apenas objetos construídos em lojas e fábricas com intencionalidade do consumismo para o mundo infantil. A criança possui características que as distinguem dos adultos, entre elas a capacidade de imaginar e criar em qualquer lugar. Na brincadeira podem ser o que quiserem, desprendendo-se da realidade ou a retomando-a sem qualquer preocupação. Uma mesa pode se tornar em uma caverna; um pedaço de madeira, um belo violão; pano, uma capa mágica, etc. Através da imaginação os pequenos transformam pedrinhas, papel, garrafas de plástico em brinquedos, bem como os cenários e os personagens,

é um mundo menor construído dentro do maior, onde transitam de maneira livre e se reconhecem como integrantes de uma cultura infantil.

*[...] nada é mais próprio da criança que combinar imparcialmente em suas construções as substâncias mais heterogêneas – pedra, plastilina, madeira, papel. Por outro lado ninguém é mais sóbrio com relação aos materiais que a criança: um simples fragmento de madeira, uma pinha ou uma pedra reúnem na solidez e na simplicidade de sua matéria toda uma plenitude das figuras mais diversas. (BENJAMIM, 1987, p.246 apud ROZA1993, p.37)*

O autor nos ajuda a compreender que as crianças são independentes dos brinquedos, o conteúdo ideacional desse objeto não determina as brincadeiras. As crianças são criativas e podem utilizar qualquer objeto para brincar.

Mas, voltamos para a escola: três crianças começam a brincar em um espaço denominado “casinha”:

Letícia (colocando em uma panelinha folhas picadas) – *Essa é a nossa comida. Mas é de mentirinha* (completa, explicando a mim).

Luci - *Essa é a comida da Juju?*

Letícia - *É. Pronto. Pode comer, hein!*

Juju - *Vamos comer.* (Luci e Juliana pegam a panelinha e simulam estar comendo, imitando o som de mastigação)

Luci (convidando outra criança para a brincadeira): - *Gabriel! Pode comer a nossa comida.* (e Letícia coloca mais folhas na panela)

Notamos o quanto a interação está presente nas brincadeiras infantis. As crianças constroem entre elas um elo, não é necessário que expliquem que não é real. Todos entendem que é de “mentirinha”. As regras não precisam ser faladas, pois há um “combinado” que já está presente no mundo infantil.

Enquanto observava as crianças brincando, elas vinham até mim, com terra nas mãos e me ofereciam como “bolo”. Essa atitude demonstra a troca de afeto e sensibilidade presente nas brincadeiras, CORSINO menciona que a escola *reorganizando seus espaços e tempos para as manifestações infantis, pode caminhar na contramão da fragmentação, tornando-se um lugar de valorização dos gestos expressivos por meio de jogos e brincadeiras.* (2009, p.57).

Um grupo de três crianças estava em um brinquedo chamado de labirinto. Fui até o local e perguntei do que estavam brincando. Para minha surpresa, responderam da seguinte forma:

*- A gente é pirata. E vamos prender você!*

Nesse momento as crianças correram atrás de mim e iniciamos a brincadeira dos “piratas”, onde eu era a fugitiva.

*Os jogos infantis [...], são em geral roteiros compreensíveis, que possuem coerência e inteligibilidade, mesmo quando contém elementos que se contrapõe à realidade material: voar, mudar de tamanho, possuir superpoderes etc. Esses elementos não constituem para a criança nenhum sentido de estranheza, pois no brincar há uma consciência da irrealidade da trama, que é produzido intencionalmente, tal como nas novelas de ficção. Esse aspecto caracteriza, portanto, o pensamento dos sistemas pré-consciente/consciente. (ROZA, 1993, p.81)*

A criança não alucina, ela tem plena consciência de que é algo imaginado, a brincadeira é mediada por objetos reais, elas podem transitar livremente através da criatividade e imaginação.

Na palestra “Conceitos básicos da teoria piagetiana” proferida por Anna Maria Lacombe em 15 de abril de 2010, realizada na escola pesquisada, a autora trata sobre as teorias de Piaget para construção da inteligência e sua relação com o desenvolvimento afetivo e social da criança. Para a autora, nos jogos simbólicos, é inaugurado o “faz-de-conta” e permite a construção do sujeito-autor. Nessa perspectiva a autora fala sobre a evolução do Jogo Simbólico, em quatro fases: “Jogos simbólicos com seu próprio corpo”- a criança pode se tornar em super-herói imagina que voa, “finge” que come. Como pudemos observar na brincadeira vivenciada na escola, “Jogos simbólicos envolvendo o corpo do outro” – a criança “prepara a comida” para os amigos, veste a fantasia em outra criança, “serve a comida aos filhos”; “Jogos simbólicos com outros objetos” – a criança “finge” que pedaços de folhas são comidas, que um punhado de terra é um bolo, que a mesa é uma caverna; “Cena simbólica”- a criança organiza os espaços e os papéis dispostos na brincadeira, atribuindo ao momento o significado das atitudes, a criança acende o fogo para preparar a comida (folhas), prepara a mesa para o “almoço”, lava a louça que sujou etc.

Nesse sentido, entendemos que no momento em que brinca a criança busca uma imitação da realidade, experiências vividas em algum momento são refletidas enquanto brincam, no momento em que fingem ser alguma coisa ou alguém precisam de organização

prévia dos papéis a ser interpretados, e há uma ligação com a realidade e vivências, ou seja, a criança é alimentada pelo seu responsável e reproduz essa experiência nas brincadeiras.

O brincar é a via que permite o aprendizado, as crianças se apropriam, reinventam e reproduzem o mundo. As brincadeiras são tratadas pela criança como algo sério e as situações lúdicas oferecem às crianças a riqueza de experiências, que podem auxiliar na comunicação oral, capacidade motora e o pensamento simbólico. SARMENTO e CERISARA auxiliam nessa reflexão:

*A ludicidade constitui um traço fundamental das culturas infantis. Brincar não é exclusivo das crianças; é próprio do homem e uma das suas actividades sociais mais significativas. Porém as crianças brincam contínua e abnegadamente. Contrariadamente aos adultos, entre brincar e fazer coisas sérias não há distinção, sendo o brincar muito do que as crianças fazem de mais sério. (2004, p.25)*

Respeitar o momento das brincadeiras significa garantir o potencial desse recurso para produzir o desenvolvimento e o aprendizado. Explorar o momento não apenas durante a ação, mas também o período anterior e posterior as brincadeiras. Através dos recursos de comunicação (fala, desenho e a escrita) a criança ganha consciência e percepções que auxiliam na compreensão das descobertas conquistadas. A problematização das brincadeiras e a oralidade são ferramentas que podem ser usadas pelo professor com a finalidade de trabalhar conceitos presentes nas brincadeiras, garantindo que a crianças assumam posições pensantes, analisem situações e formulem hipóteses.

Durante as anotações das conversas ocorridas enquanto as crianças brincavam, observei o quanto conseguem liberar sua criatividade. Em uma casinha de fibra, duas crianças, ambas com três anos, brincavam de serem porquinhos:

Madalena - *Preciso acender o fogo. Preciso de uma xícara.*

Mateus - *Não precisa de xícara. (entendendo que uma xícara não a ajudaria)*

Madalena - *Para acender o fogo!*

Mateus - *E fazer muito fogo... (aceita a afirmação)*

Madalena - *E você não acha que a gente devia chamar o Carvalho?*

Mateus - *Quem é Carvalho?*

Madalena não responde, e Mateus sai da casinha dizendo que vai ver a minhoca que queima (uma lagarta). Nesse momento Madalena também sai e vai até outra criança:

Madalena - *Vem Carvalho, vem!*

A professora, pergunta a ela quem é Carvalho e Madalena responde que é o amigo do Pedro. Continua a chamar e puxar pela a mão a outra menina.

Madalena - *Vem Carvalho, vem para casa, agora pode vir.* (o lobo mau se afastou por causa da fogueira)

A menina um pouco assustada, não entendendo o que estava acontecendo preferiu ficar de fora da brincadeira. Madalena volta para a casinha e Mateus também retorna.

Essa criança procura envolver mais uma pessoa na brincadeira. Inventa inclusive um nome para ela. Interage com outras crianças, apesar de ser muito tímida, mas durante o brincar quem estava presente era o porquinho e não a menina tímida de poucas palavras.

Mateus - *Eu sou o elemento água e apago o fogo.*

Madalena - *Não pode apagar o fogo porque é para o lobo mau queimar o bumbum.*  
(risos)

Mateus - *Mas não existe lobo mau.*

Madalena - *Existe, sim!*

Mateus - *Quem é ele?*

Madalena - *O Estéfano é o lobo mau e a Sibili é a loba má.* (professores)

Nesse momento Madalena surpreende falando para a professora o que ela deve dizer, para representar o lobo mau durante a brincadeira:

Madalena - *Você tem que falar assim: "Porquinho, porquinho se você não abrir a porta eu vou derrubar, abre, abre, aí você fala dole uma, dole duas e dole três, e pode assoprar tá?"*

A professora repete o que a menina ditou e simula soprar a casa, Madalena fala que ela não conseguiu derrubar porque a casa é de tijolos.

Mateus - *O lobo mau já foi embora?*

Madalena novamente fala para a professora o que ela deve dizer: - *Há! Se o porquinho não abrir eu vou descer pela chaminé.* A professora repete fielmente.

Madalena - *Aí, você queimou o bumbum com a panela.* (rindo bastante)

No momento em que as crianças conversam, interagem entre si, mas cada criança possui uma interpretação, uma imaginação para o ato de brincar. Mateus participava, mas nos momentos em que queria pensar outro assunto que lhe trouxesse mais prazer, ele o fez, assim

como Madalena, que buscou trazer para a brincadeira a professora, mas a mesma teve que seguir as interpretações da maneira como a menina queria.

*O brincar, por sua vez, é uma atividade consciente, inscrita numa realidade perceptivo-motora, mediatizada por objetos reais, onde os rumos de ação são determinados pela criança. Ela sabe que se trata de algo imaginado, de pura ficção. Ela não alucina. A apresentação manifesta do brincar é, portanto, regulada pelo sistema pré-consciente/consciente, caracterizado pelo processo secundário. (ROSA, p.82, 1993)*

As crianças se reconhecem como integrantes do mundo. Se encontram e se identificam através das brincadeiras, essas são recursos da comunicação, e no momento em que brinca ganha consciência, se apropriam de conhecimentos reinventando e reproduzindo situações cotidianas. Cada criança reproduz durante o brincar o meio em que está inserida. Vygotsky (1987) apud Corsino (2009 p.57) menciona que o processo psicológico da imaginação é totalmente articulado a formas de aprender, sendo uma fonte de desenvolvimento e aprendizagem, que inevitavelmente leva ao desenvolvimento como um todo. Logo, a criança produz e reproduz o que observa do mundo dos adultos, buscando assim formas de realizações e satisfações, ou seja, atos que ainda não podem realizar, mas, através do brincar a criança satisfaz o desejo, e supre no momento em que brinca desejos de ser a mãe que usa salto alto ou dirige o carro.

Durante as observações, as falas das crianças me fizeram refletir sobre a questão social embutidas nas interações ficando clara durante as brincadeiras: No momento em que esperava a chegada dos responsáveis das crianças para buscá-las fui chamada por uma criança:

Wilson – *Eles não estão deixando eu brincar.* (referindo-se a três meninos que estavam com ele)

Quando perguntei o motivo de não permitirem a participação de Wilson na brincadeira obtive como resposta:

Crianças – *A gente tá brincando de pai, irmão e irmão mais novo. Não tem quem ele ser.*

Sugeri, então que na brincadeira tivesse um tio ou um primo a fim de não deixarem o amigo de fora. As crianças ouviram e incluíram Wilson ocupando o papel de primo que chegou de viagem na brincadeira de faz-de-conta.

A partir desse diálogo compreendemos que o convívio familiar integra o brincar. Para Vygotsky (2006, p.126), nas brincadeiras as crianças dão significado ao que vivem e

sentem. Os conteúdos das brincadeiras têm por base percepções que a criança realiza do mundo humano e através das ações humanas realizadas com as crianças, elas dão sentido ao seu mundo próprio. Por meio da fantasia, imaginam que é verdade e brincam não apenas para gastar energia, buscam a comunicação com o outro através do faz de conta, constroem relações sociais com outros sujeitos e com significados culturais do seu meio a partir de referências construídas.

Duas crianças brincam em um canto da sala de aula, com idade de 3 e 4 anos.

Mariana - *Esse é o seu bebê e aquele é o meu bebê.* (a boneca para ela e o ursinho para o amigo)

Mariana - *Calma, bebê, você não vai se molhar.* (limpando a boneca com um pano)

Mariana - *Você vai viajar para Disney sem eu, tenho que colocar ela no avião.*

Mariana - *Ei! Já coloquei o meu bebê, agora vou colocar o seu ursinho.*

Eduardo - *Não! O meu bebê não! Eu vou viajar com ele.*

Mariana - *Hã... meu bebê já chegou.*

Eduardo - *Sabia que os bebês dormem de dia?*

Mariana - *Está de dia. O meu bebê acordou.*

Eduardo - *O meu neném vai viajar em muitos países.*

Mariana - *O meu também.*

Mariana - *Ele não vai passear porque tem telefone no avião.*

Eduardo - *Pode deixar eu ver?* (pedindo a boneca da amiga)

Mariana - *Esse é o meu nenê.*

Eduardo - *É o nosso bebê.*

Eduardo - *Ela vai morder?*

Mariana - *Não vai.*

Eduardo - *Bebê morde.*

Mariana - *Mas ela gosta de você.*

Eduardo - *Não gosta!*

Mariana - *Gosta sim. Olha... Fingindo ser a boneca que está falando... Ela diz: - eu gosto de você brinca comigo!*

O espaço da Educação Infantil deve possibilitar o diálogo da criança com o mundo e a brincadeira é uma forma que a criança encontra para dar sentido a sua realidade:

*As crianças são especialmente inclinadas a buscar todo local de trabalho onde a atuação sobre as coisas se dê de maneira visível. Elas se sentem especialmente atraídas pelos destroços que surgem da construção, do trabalho no jardim ou em casa, da atividade do alfaiate ou do marceneiro (...). Nesses restos elas estão menos empenhadas em imitar as obras dos adultos do que em estabelecer entre os mais diferentes materiais, através daquilo que criam em suas brincadeiras, uma nova e incoerente relação. (BENJAMIN, 2004, p.04 apud GUIMARÃES, 1984, p.77)*

Brincar é um direito da criança, uma linguagem de expressão dos pequenos. Brincadeira e aprendizagem não são processos distintos, ao contrário, quando brinca a criança constrói caminhos para a compreensão e reinvenção do mundo que vive.

#### IV - Brincadeiras na Educação Infantil: O que dizem os(as) professores(as)

O papel do(a) professor(a) é garantir que as crianças percebam o mundo com os seus próprios olhos; que compreendam as diferenças e possam respeitá-las; devem incentivar o diálogo com base nas vivências infantis. Os saberes são inacabados, logo, a mediação pedagógica é constitutiva do processo de ensino e aprendizagem. Os saberes devem ser trabalhados de forma interessante e estimulante, e não como um conhecimento pronto.

É necessário considerar a realidade dos dias atuais, a era da globalização da cultura e da informação que domina a sociedade, o oferecimento de um ensino que além de cumprir com as exigências postas pela sociedade considere também as diversas visões de mundo, que reconheça as vivências de cada aluno, considerando-os como seres participativos e ativos com o meio. NUNES nos ajuda a compreender os desafios entre as propostas curriculares e os desafios das práticas docentes:

*O professor não pode ser executor de práticas pensadas por outros e de métodos que são impostos. É preciso constituir espaços de formação e reflexão, a fim de que crianças e adultos não se assujeitem ao novo, mas às possibilidades deste, tornando-se autores no seu trabalho. (2009, p.41)*

A imagem do docente como herói solitário diante de sua turma carente de informações, sem troca de opiniões deve ser desconstruída para dar lugar aos professores e professoras que garantam dentro da escola trocas de experiências e ampliem as informações a serem exploradas.

Realizei entrevistas com três professores de Educação Infantil, sendo um da rede pública e dois de rede privada, da escola investigada com o intuito de me aproximar dos seus modos de compreender a brincadeira no cotidiano da escola. Trago a seguir, as perguntas e respostas dos docentes e reflexões suscitadas.

**⇒ Durante as brincadeiras, o que pensam sobre o aprendizado e desenvolvimento dos alunos?**

*Os alunos constroem sua idéia de mundo brincando e reelaborando fatos que ocorreram em seu cotidiano. Através da imitação, eles representam seus pais, professores, familiares e outras pessoas de seu convívio, muitas vezes acrescentando elementos pessoais da própria criança aos enredos que criam.*

*Fazem experiências com os objetos disponíveis, são observadores, gostam de ver seus amigos atuando e aprendem muito com eles. Repensam estratégias, buscam solucionar desafios. Crianças são pequenos cientistas, pena que quando crescem, nosso modelo de escola acaba tolhendo iniciativas em prol de se seguir um*

*programa comum. Sou muito grata de trabalhar com Educação Infantil, um espaço onde a criatividade, o desenvolvimento e a construção do saber ainda são permitidos. (Professor(a) da rede particular)*

A brincadeira possibilita o enriquecimento individual e coletivo, no momento em que brinca a criança não apenas imita o mundo dos adultos, ela também reinventa e acrescenta elementos pessoais próprios da infância, como nos fala o(a) professor(a) entrevistado(a). As interações com outras crianças e com os adultos é um importante elemento para a construção da identidade e a função do docente é de possibilitar a participação ativa da criança nas brincadeiras para uma elaboração e construção social do mundo em que vivem, favorecendo para seu desenvolvimento e aprendizado.

### **⇒ Você participa das brincadeiras? Como?**

*Sim. Nas dirigidas, solicitando tarefas como no “Mãe posso ir...” e “Meus pintinhos”, mas também dando autonomia nos papéis principais como o da mãe para eles experimentarem diferentes personagens. Nas livres, participo de forma mais amena, deixando eles solicitarem o que devo fazer, por exemplo, eles estão fazendo um bolo e querem cantar parabéns, então me solicitam a fazê-lo. Eles narram as situações do jeito que podem e me pedem para participar, faço alguns questionamentos como: “Meu bolo já está pronto?”, no entanto deixo-os guiar a brincadeira da forma mais conveniente à eles. Porém, em ambas, o papel de observador é de grande importância e sempre tenho um olhar atento às diversas formas do brincar. (Professor(a) da rede pública)*

O educador que valoriza a importância do desenvolvimento e aprendizado infantil no brincar, acompanhando esse processo de perto e tenta compreender o modo como as crianças entendem o mundo. No momento em que a criança aceita regras de um jogo, por exemplo, significa que já entende coisas que antes não compreendia. No entanto, muitos professores (as) utilizam deste tempo para realizarem outras atividades, como corrigir cadernos não considerando a importância das brincadeiras, pois acreditam serem estes momentos sem valia alguma para a educação.

As brincadeiras são momentos tão grandiosos e importantes para o desenvolvimento como um todo para os pequenos. Na teoria o(a) professor(a) deveria explorar esse tempo a fim de conhecer seus alunos, observar o quanto já aprenderam sobre regras do jogo, o auxílio que possuem entre si, o respeito entre elas, notar o quão incrível é sua imaginação.

Nossa legislação reconhece a criança como sujeito, os educadores devem pensar no outro dentro da situação, o que é fundamental no período da infância, considerar a

complexidade desta fase, entender que embora sejam crianças, possui características da criança, são diferentes entre si, seus comportamentos variam, por isso não podemos criar padrões, ou definir etapas, como algumas instituições fazem ao classificar a Educação Infantil como pré-requisito para o Ensino Fundamental, visando alcançar uma série de conhecimentos prévios para que a criança esteja apta ao próximo segmento (reconhecer cores, o tempo etc.) buscando uma educação infantil preparatória.

É importante não focar em modelos previamente estabelecidos, mas sim partir da curiosidade e das perguntas das crianças. Os educadores devem ser sensíveis com os temas propostos e, acima de tudo, com a flexibilidade. ARISTEO e GARCIA abordam esse tema, expressando as Propostas Pedagógicas das IEI (Instituição de Educação Infantil):

*[...] ao reconhecerem as crianças como seres integros, que aprendem a ser e a conviver consigo próprios, com os demais e com o próprio ambiente de maneira articulada e gradual, devem buscar, a partir de atividades intencionais, em momentos de ações, ora estruturadas, ora espontâneas e livres, a interação entre as diversas áreas de conhecimento e aspectos da vida cidadã, contribuindo assim com o provimento de conteúdos básicos para a constituição de conhecimentos e valores. (2001, p.41)*

É relevante chamar a atenção para a utilização de ações sobre o brincar ora estruturadas, ora livres, assim entendemos que educar e o cuidar são atos de fraternidade que envolve o perguntar, conversar, o coletivo, a busca, é o partilhamento de experiências e saberes, não podemos nos fechar a conteúdos prontos, impedindo a criança da busca pelo conhecimento. É através de coisas encontradas no mundo que aprendemos cada vez mais. É direito da criança brincar, explorar, criar, reinventar para que ela possa participar ativamente da sociedade e se afirmar como cidadã, e a escola deve garantir essa rede de conhecimentos, conforme destaca o(a) professor(a), a seguir.

### **⇒ Como ocorrem essas brincadeiras? São coordenadas ou não?**

*Existem várias situações de brincadeiras: na sala com brinquedos, no pátio brincadeiras livres, no pátio jogos dirigidos (corre-cotia, pique-pega, meus pintinhos venham cá, elefantinho colorido, esconde-esconde, etc.), no espaço que chamamos de casinha: jogo simbólico, etc.*

*As brincadeiras de regras ainda precisam de nossa coordenação, como os jogos dirigidos, por exemplo. Acredito que estas brincadeiras ajudam o indivíduo a compreender a vida em sociedade, pois todos precisam aprender como se brinca e respeitar o que foi acordado previamente com o grupo.*

*Procuro evitar interferir nas brincadeiras livres, por acreditar que nestes momentos a criança desempenha papéis sociais e algumas assumem a liderança das brincadeiras, inclusive criando novas regras! Nossa intervenção tem sido oferecer possibilidades diferentes, organizando o espaço cada semana de um jeito novo, contando histórias que ampliem o repertório do faz de conta e retomando as vivências, em conversas na roda em grupo, com perguntas como: o que fizemos hoje? Foi gostoso? Como podemos brincar amanhã, uma idéia diferente?(Professor (a) da rede privada)*

Através da fala do(a) professor(a) percebemos que as brincadeiras dirigidas podem ser realizadas sem o intuito de serem estabelecidas pelos adultos, com objetos e brinquedos especificados e com o único objetivo de que a criança aprenda os conteúdos e aproveite seu tempo: *Acredito que estas brincadeiras ajudam o indivíduo a compreender a vida em sociedade, pois todos precisam aprender como se brinca e respeitar o que foi acordado previamente com o grupo.* O brincar como atividade representa relações sociais, a importância da estruturação das regras, o espaço e o tempo para brincar são fatores que norteiam a atividade.

O(a) professor(a) precisa observar as singularidades das crianças e permanecer com os olhos e ouvidos abertos ao que ocorre na realidade de sua turma. A construção do conhecimento é um fator de suma importância para o sucesso escolar, pois o professor (a) aprende e todos os envolvidos no processo realizam trocas de saberes, de vivências, de conhecimentos, descobrem a cada dia um novo aprendizado. Isso só é possível quando não desprezamos informações trazidas "ao acaso", tudo pode se tornar objeto de estudo coletivo. Quando não ignoramos essas informações e respeitamos o contexto em que a criança está inserida, exaltamos sua vontade de busca do conhecimento e rompemos com a barreira entre professor que tudo sabe e o estudante robô, programados respectivamente para falar e ouvir, sem qualquer troca, diálogo ou construção.

O universo cognitivo do adulto é diferente do da criança. O professor de Educação Infantil não deve adultilizar nem infantilizar a criança. As crianças formam seu próprio mundo de coisas dentro de um mundo maior. SARMENTO fala especificamente sobre a interatividade mencionando que *esta aprendizagem é eminentemente interactiva; antes de tudo o mais, as crianças aprendem com outras crianças nos espaços de partilha comum. Estabelecem - se dessa forma as culturas de pares [...]* (2004, p.23).

⇒ Como você sugere as brincadeiras, às crianças?

*Sinceramente, em muitos momentos não é necessário nem sugerir, apenas organizar o espaço e proporcionar o tempo para isto! Mas, caso tenha alguma criança que não participe, convido-a, brinco junto, procuro incluí-la num grupo, pois o rico desta idade é a troca de experiências.*

*Acredito que os adultos podem enriquecer as possibilidades de brincadeiras, oferecendo situações novas, ensinando jogos tradicionais, que são muito ricos e só podem ser aprendidos atualmente no espaço escolar, visto que os pais estão trabalhando fora cada dia mais e deixando com a escola o papel de transmitir estas tradições brasileiras. Claro que, se pudermos convidar os pais para ensinar brincadeiras para a classe de seus filhos, isto poderia resultar num lindo Projeto, que já vi acontecer e dar certo em várias escolas nas quais trabalhei, no Rio de Janeiro e também em São Paulo. (Professor(a) da rede privada)*

*A educação infantil tem um caráter lúdico muito forte, onde todas as situações são permeadas de imaginação e brincadeira. O que torna todas as atividades divertidas e com um tom de "aprender brincando". No caso das brincadeiras livres, as crianças têm a rotina bem internalizada, portanto sabem a hora e os espaços destinados a brincadeira. Quando tem dúvidas, logo se dirigem ao calendário junto a mim para se certificar do "tempo de brincar". (Professor(a) da rede pública)*

Os dois docentes entrevistados caracterizaram o espaço da Educação Infantil com um caráter lúdico propício às brincadeiras que oferecem às crianças uma riqueza de experiências. O espaço destinado ao brincar é fundamental para que ocorra uma variedade de situações as quais a criança possa interagir umas com as outras para que possam desenvolver a imaginação, socialização e conhecimento de mundo. O espaço deve estar organizado de maneira que convide as crianças para brincar, espaços internos e externos devem ser explorados e o docente deve ser criativo para que esses espaços se tornem acolhedores e prazerosos para as crianças.

SARMENTO (2004) considera as crianças como seres humanos capazes, competentes e ativos, além de buscar o resgate do tratamento dos mesmos como atores sociais e concretos, que pensam, questionam e possuem vozes. A escola deve garantir uma Educação Infantil que possua sentido para suas crianças, e que as reconheçam como protagonistas do processo de ensino e aprendizagem.

A transdisciplinaridade deve fazer parte do processo ensino aprendizagem. O professor não pode separar os saberes em caixinhas distintas, pois a interação entre as diversas áreas de conhecimento contribui para a formação cidadã da criança. Aprender trata-se de um processo que traz perguntas e respostas, com o objetivo de ampliar o conhecimento, a partir das questões. Respeitar os interesses buscados pelos alunos, saberes que desejam aprender independente de estar ou não no "cronograma" é fundamental, professores que por falta de

informação e/ou interesse de pesquisar passam por cima dos desejos de seus alunos em aprender coisas novas que os intrigam, acabam por menosprezar inclusive a beleza e as riquezas que as brincadeiras proporcionam, quando deveríamos aproveitar essa fome de conhecimento para aumentar cada vez mais a rede de saberes, que não possui fim.

### ⇒ Você participa das brincadeiras? Como?

*Não costumo participar das brincadeiras de faz de conta, apenas quando sou convidada pelas crianças. Acredito que este espaço é deles. Porém, quando sou incluída como algum personagem, gosto muito e entro no jogo. É engraçado como, em alguns momentos, eles têm dúvidas quanto ao que é real e o que é da imaginação, e me perguntam: Mas isto não é verdade, né? Procuro devolver o questionamento a eles, mas quando percebo que estão inseguros, em situações de medo de lobos, fantasmas, falo que é do mundo do faz de conta e eles ficam mais tranquilos. (Professor(a) da rede privada)*

As crianças criam estratégias para uma organização entre elas durante o brincar. Não existe a necessidade de um adulto para que brinquem. Como menciona o professor (a) a mediação é importante para que os pequenos se sintam mais seguros em relação ao brincar, no entanto é um momento deles onde criam, inventam, fazem-de-conta que é verdade, sendo função do docente criar meios que auxiliem a criança a realizar o brincar de maneira sadia e natural, permitindo a exploração do meio e de si mesma construindo uma autonomia e garantindo que a própria seja o sujeito das ações. Sobre esse aspecto MOURO afirma:

*A criação parte da experiência pessoal, do contexto histórico-cultural, e é ampliada pela imaginação, concretizando-se em uma obra que ultrapassa o próprio autor. Toda criação é influenciada pela história, pelo ambiente, o que nos faz acreditar que não existe nenhuma criação totalmente individual, que em toda criação existe um legado de todas as invenções e criações humanas anteriores. (2009, p.83).*

### ⇒ O que você pensa sobre as brincadeiras livres?

*As brincadeiras livres são importantes para exercitar e reproduzir as vivências cotidianas das crianças e incitar a autonomia entre eles. Além disso, a interação social se torna mais ativa entre os educandos que estabelecem regras e normas para tal. Estas traduzem a expressão livre do grupo, o que nos possibilita traçar um perfil para trabalharmos, além de dar uma atenção dirigida àqueles que necessitam. (Professor da rede pública)*

*Acho essenciais as brincadeiras livres, muitas vezes elas foram incompreendidas pelos pais, mas cada vez mais, os pais estão lendo e percebendo que a criança não vai para a escola SÓ para brincar, o brincar é importantíssimo. Os estudos pedagógicos nesta área estão favorecendo esta geração, que tem o brincar legitimado pelas teses e livros publicados. (Professor da rede particular)*

A brincadeira livre para muitos é encarada como momento de descanso, sem importância educativa para as crianças. Notamos essa afirmação na resposta do docente que nos diz: - *muitas vezes elas foram incompreendidas pelos pais*. No entanto, notamos que o brincar livre pode ir de encontro ao construir, buscar, inventar e confrontar, como afirmam os professores(as) entrevistados(as). As brincadeiras livres não significam a ausência da mediação do adulto, mas sim oferecer a criança possibilidades de decisões e de escolhas favorecendo a autonomia.

Ainda vemos hoje instituições voltadas apenas para o pensamento e a razão, deixando de lado relações que envolvam o brincar, o dialogar e o criar em conjunto, pois muitos espaços supervalorizam o conhecimento abstrato, o que impede um desenvolvimento pleno e ignora a ligação existente entre corpo e mente.

Não considerar as questões relativas ao meio em que as crianças estão inseridas é negar seu saber, assim atividades livres focam nos conhecimentos que os alunos desejam construir e devem ser valorizadas [...] *trabalho com a criança pequena, que implica a formação da identidade, a construção do conhecimento de si e do mundo, do tempo que evidencia a experiência da criança como algo pleno de devir [...]* (BARBOSA, 2009, p.68) assim o professor de Educação Infantil pode garantir uma educação que enxergue e valorize o outro, não ignorando a realidade, mas sim partir dela para a construção do conhecimento.

### **⇒ Com que frequência seus alunos brincam, no espaço de Educação Infantil?**

*Meus alunos brincam diariamente, em diversos momentos e de diferentes maneiras. Eles são criativos e felizes, vivem inventando brincadeiras ou utilizando os brinquedos disponíveis na própria escola. Uma vez por semana, na sexta feira, eles costumam trazer de casa algo para compartilhar com os amigos, como bonecas, bolas, jogos, carrinhos e outras coisas. O combinado é trazer brinquedos que possam ser usados em grupo e dividir o que trouxe com os amigos. Este é ainda um desafio para muitos deles, que estão na faixa etária de 3 a 5 anos. (Professor da rede privada)*

A observação das manifestações infantis é importante para que o professor (a) possa conhecer a criança, e durante as brincadeiras é possível direcionarmos o olhar para a atuação dos pequenos, acompanhar os conhecimentos já alcançados por eles. Criar desafios durante o momento do brincar como nos fala o professor (a) é proporcionar que a criança utilize estratégias, formule hipóteses para as possíveis soluções.

A brincadeira é um momento de troca e deve ser garantida assim como seu respectivo espaço, a criança não pode ficar isolada dentro de uma sala. É necessário o contato

com outros ambientes, a exploração de diferentes lugares que para elas possam se tornar um enorme castelo, criando possibilidades de imaginação que já é própria nessa fase e devem ser instigadas. Sobre o olhar do adulto sobre as manifestações infantis, a autora alerta-nos:

*A dimensão da alteridade da criança convoca – nos a lançar nossos olhos para a qualidade dos relacionamentos no dia a dia da Educação Infantil, e isso significa encontrarmos a medida de nossa responsabilidade nas interações cotidianas. É a partir do reconhecimento das idéias, brincadeiras, interesses, medos e alegrias de cada criança que se constituem sua autonomia, auto – estima e auto – confiança. Este reconhecimento presentifica – se no olhar do adulto, na postura de acolhida e escuta, na organização do espaço (que revele as produções e interesses infantis).*  
(GIMARÃES, 2004, p. 02)

As brincadeiras são expressões de cultura e os espaços de Educação Infantil são lugares para o diálogo e interação, o brincar é uma conduta criativa característica da infância. Infância é um momento em que a criança necessita ser cuidada e protegida.

**⇒ Durante as brincadeiras, o que pensa sobre o aprendizado e desenvolvimento dos alunos?**

*A brincadeira está fortemente relacionada ao desenvolvimento e à vivência dos alunos, esta possibilita um crescimento no que diz respeito às regras e normas, interações, convivência e respeito. Todos os conceitos podem ser internalizados através de brincadeiras, só precisamos saber como utilizá-las a nosso favor.*  
(professor da rede pública)

Através das respostas dos (das) professores (as) entrevistados (as) compreendemos como é possível realizar atividades relacionadas ao brincar na Educação Infantil. Esses docentes vão contra rotinas diretivas e cansativas para os pequenos, utilizando os espaços educativos para que as crianças interajam com o meio e com outras crianças através das brincadeiras, esses profissionais não encaram o brincar como um momento de distensão, burocrático sempre almejando produzir algo. Os saberes ocorrem sem pressões e abordam relações afetuosas entre as crianças oferecendo possibilidades de serem os sujeitos das ações com direito de escolhas.

Reich (1988) nos proporciona pensar sobre uma educação que tenha como base apenas a mediação e não o reconhecimento dos desejos dos alunos, em especial a liberdade de expressão. O autor afirma que a liberdade auxilia no aprendizado. Quando a criança sente-se segura para expressar suas opiniões e vontades, certamente seu desenvolvimento e aprendizado se darão de modo mais espontâneo, sem pressões e medo. Essa discussão nos possibilita pensar sobre as atitudes e posturas diante do estudante, o controle das atitudes das

crianças a desmotivação. O desenvolvimento intelectual está entrelaçado as emoções das crianças, por isso ordens e limitações não auxiliam para o ensino/aprendizado.

O artigo do autor Walter Kohan (TVE Brasil/Salto para o Futuro) questiona a escola como um local para produzir padrões ou valores socialmente impostos. O autor vem trazendo uma reflexão em torno da maneira como a escola atua na da sociedade, questionando seu funcionamento em torno de “experiências ou verdades”. A escola no momento em que pensa em uma infância verdade, tendo como embasamento pesquisas e estudos sobre o comportamento das crianças ela se coloca acima dos valores individuais, pressupondo comportamentos iguais a todas elas. Nessa perspectiva, o autor discute que a escola como instituição que detém esses conhecimentos supostamente possui a “verdade” sobre a infância.

Nesse âmbito Kohan (*idem*) fala sobre a postura dos professores, dividindo-os em dois personagens distintos, o primeiro trata do professor que se porta como detentor da verdade e que visualiza seus alunos como seres que necessitam dessas verdades trazidas por ele para apropriarem-se do conhecimento. Esse professor anula possibilidades das verdades trazidas pelos alunos e desconsideram as trocas de saberes. O segundo personagem trata do professor que leva para a sala de aula as verdades, no entanto, entendem que os alunos também as possuem, e a partir de experiências vividas nos espaços educacionais, essas verdades podem se transformar, ampliar ou se fortificar. O docente entrevistado relata essa concepção existente na escola: *Crianças são pequenos cientistas, pena que quando crescem, nosso modelo de escola acaba tolhendo iniciativas em prol de se seguir um programa comum.*

Ser criança não é apenas uma etapa da vida humana, ser criança consiste em estar vivenciando uma relação de movimento que abrange criação, resistência e acontecimento. O encontro entre o adulto e a criança permite conhecer modos como elas enxergam o mundo, entendendo que são heterogêneas e sendo assim não é possível afirmar a “verdade” sobre elas, mas é possível nos aproximar de suas singularidades compreendendo-as como sujeitos que são, desde muito pequenas.

## V – Considerações Finais

A pesquisa realizada afirma a importância da brincadeira na Educação Infantil para o desenvolvimento e aprendizado das crianças. A história da educação direcionada às crianças pequenas foi marcada por um abandono do Estado e uma grande descentralização de políticas educacionais. O início das creches e dos jardins-de-infância, no Brasil, ocorreu devido necessidades das mães trabalhadoras. Não havia espaços destinados a cuidar das crianças pequenas, desse modo, as próprias comunidades organizavam-se a fim de criar locais onde as crianças pudessem ficar enquanto suas mães trabalhavam, como foi o caso das creches comunitárias.

O país não investia na educação o suficiente para atender os pequenos. A preocupação existente era assistencialista. O governo então criou lugares que cuidassem da alimentação e higiene das crianças. Instituições como a Casa da Criança e Projetos como o Mobral surgiram com o objetivo de preparar as crianças para o ensino primário, visto o grande número de fracasso escolar nesse segmento, no entanto sem qualquer pretensão de mudança social, as crianças pobres não poderiam se esquecer de seus lugares, assim o atendimento era como um “favor”, para as crianças vistas como carentes culturais, incapazes de se reconhecerem como participantes da sociedade. Essas instituições buscavam formar mãos de obra para continuar com o ciclo de privações e aceitações das camadas populares.

Esses programas tinham baixos custos para o governo e sua qualidade duvidosa, um atendimento que se resumia a alimentar e zelar pela saúde das crianças. A história é marcada por uma falta de criação de instituições destinadas aos pequenos que visasse um atendimento envolvendo o cuidar e o educar como indissociáveis. As discontinuidades de políticas públicas educacionais e o descomprometimento do Estado com a Educação Infantil se fez durante anos em nosso país, caracterizando um preconceito com a educação das crianças pequenas.

Com a Constituição Federal de 1988 a Educação Infantil passa a ser um direito da criança, o que foi um grande avanço buscado a tempos pela sociedade, e nesse contexto surgem o ECA e a LDB, para reafirmarem e complementarem o previsto na Constituição, reconhecendo a criança como cidadão e afirmando a Educação Infantil como primeira etapa da educação básica.

Outro marco para a educação das crianças pequenas foi a substituição do Fundef pelo Fundeb, onde foram incluídos as crianças de 0 a 3 anos na redistribuição dos recursos.

Através das falas das crianças durante as brincadeiras pudemos perceber como esse momento é rico em troca de conhecimentos, interação e criatividade. As brincadeiras são formas da manifestação infantil. Ao brincar a criança faz associações com a realidade e, além disso, completa a ação com um repertório próprio de mundo. Quando brinca a criança se reconhece como integrante do mundo se encontra e se identifica com o mesmo. A brincadeira influencia na formação da identidade da criança. É um fenômeno cultural.

Ao brincar a criança cria um elo entre três eixos presentes no ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente-1990): proteção, provisão e participação. Nesse sentido, para que as crianças possam se desenvolver e aprender, de maneira participativa e ativa com o mundo, precisam brincar. Através das brincadeiras as crianças expressam seus entendimentos sobre o mundo dos adultos, realizando projeções culturais. Controla a atitude e o comportamento, representando as práticas sociais (brincar de casinha - pai/mãe).

É possível utilizar as brincadeiras como recursos de comunicação, pois favorece o transformar e o confrontar com a realidade a qual a criança esta inserida, como afirma os professores (as) entrevistados (as), valorizar a produção da criança e dialogar com elas é um desafio encarado pelo docente para compreender o olhar da criança sobre o mundo, esse profissional precisa ser capaz de ensinar e aprender com os pequenos valorizando as experiências do cotidiano escolar logo: *Brincar com as crianças com alegria genuína, participar de seu imaginário e, ao mesmo tempo, não abrir mão naquele momento da atenção ao desenvolvimento e aprendizagem delas – sempre respeitando o ritmo e o contexto de cada criança* (VASCONCELLOS, 2008, p.20) é a função do professor da Educação Infantil.

O presente trabalho buscou esclarecer e defender a criança como cidadã que possui direitos garantidos por lei e entre eles está o direito de brincar. É preciso levar as brincadeiras para o cotidiano da educação Infantil e investir na formação do(a) professor(a) para que esse assegure o brincar como parte de sua ação pedagógica entendendo que essa é uma ação de construção do desenvolvimento e aprendizado infantil.

## Referências bibliográficas

\_\_\_\_\_. Conselho Nacional de Educação. Parecer 022/98-Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Câmara de Educação Básica. Brasília, 1998

\_\_\_\_\_. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei 8.069/90. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 3. Ed.

\_\_\_\_\_. LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- Lei 9.394/96. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. 4. Ed.

MEC-SEF/Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Vols. I, II e III, 1998.  
CORSINO (Org.). **Educação infantil: cotidiano e políticas**. São Paulo: Autores Associados, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 33ª edição, 1996.

GARCIA, R. L.; FILHO, A. L. (Orgs.). **Em defesa da educação infantil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

GUIMARÃES, Daniela. Refletindo as questões atuais da Educação Infantil: As Manifestações Infantis e as práticas pedagógicas. In: **III Seminário Infantil da AFASC**. SC, em fevereiro de 2004.

KOHAN, Walter Omar, **A infância da Educação: o conceito devir-criança**. Disponível em: [www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0184.html](http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0184.html). Acesso em 20/10/10.

KRAMER, S.; CARVALHO, M. C.; FAZOLO, E.; LEITE, M. I. (Orgs.). **Educação Infantil em curso**. Rio de Janeiro: Ravel, 1997.

KRAMER, Sonia (Org.). **Retratos de um desafio: crianças e adultos na educação infantil**. São Paulo: Ática, 2009.

LACOMBE, A. M. **Conceitos Básicos da Teoria Piagetiana**. In: Palestra realizada na Escola Parque da Barra, 2010.

NICHOLAS, Davies. **Fundeb: a redenção da educação básica?** São Paulo: Autores Associados, 2008.

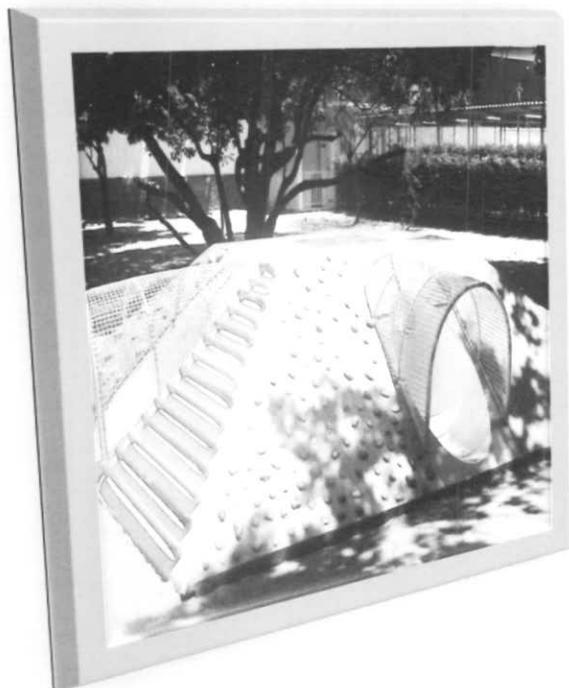
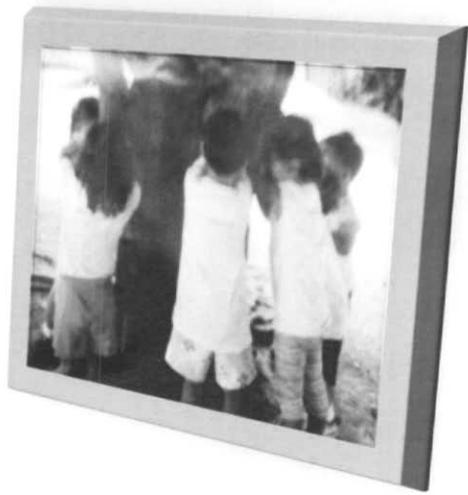
ROZA, Eliza Santa. **Quando brincar é dizer: a experiência psicanalítica na infância**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B.(Orgs.). **Crianças e Miúdos: Perspectivas Sociopedagógicas da Infância e Educação**. Porto: Asa, 2004.

Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Santo Antônio de Pádua e outras. **Tecendo Caminhos**. Niterói: EdUFF, 2008.

VASCONCELLOS, Tânia (Org.). **Tânia de. Reflexões sobre infância e Cultura**. Rio de Janeiro: Ed.UFF, 2008.

VYGOTSKII, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. Tradução de Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Ícone, 2006.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO  
Centro de Ciências Humanas e Sociais- CCH  
Escola de Educação - EE

MONOGRAFIA II

ALUNO(A)/matrícula: Izabelde Araújo da Silva

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO: Crianças e brincadeiras  
na Educação Infantil

ORIENTADOR(A): Carmen Sanchez

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

PRIMEIRO AVALIADOR

Professor convidado: CLAUDIA DE OLIVEIRA FERNANDES

Nota: 10.0

Considerações:

O trabalho demonstra o cuidado da aluna para escrevê-lo e apresentar as questões importantes e diretrizes do trabalho de campo. Apresenta um capítulo inicial com uma boa pesquisa bibliográfica, na qual apresenta um histórico sucinto da história da Educação Infantil no Brasil. O trabalho cumpre as exigências de um trabalho monográfico e apresenta um texto com boa fluidez para sua leitura. Há uma pesquisa de campo bem feita, com análises que têm suporte em referências importantes e atuais do campo de pesquisa. Parabéns pelo trabalho.

DATA: 19/01/2011

Assinatura: Claudia de Oliveira Fernandes

**SEGUNDO AVALIADOR**

Professor orientador: \_\_\_\_\_

Nota: \_\_\_\_\_

Considerações:

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

**RESULTADO FINAL**

Avaliador 1	Avaliador 2	Média final
10,0	8,0	9,0

Rio de Janeiro, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2\_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Prof. Orientador

## PARECER

**Título da Monografia:** Crianças e brincadeiras na Educação Infantil

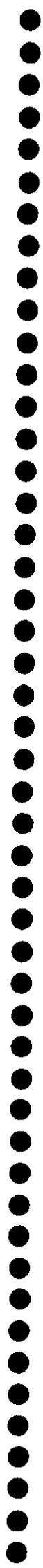
**Autora:** Izabele Araújo da Silva

Izabele, em sua monografia, elege como tema o brincar na Educação Infantil. Realiza, inicialmente, uma discussão teórica sobre Educação Infantil, crianças e infância e a importância do brincar para as crianças. A autora, nessa parte do texto ficou tímida. Izabele prende-se aos autores e autoras lido(a)s. Mas, na segunda parte da monografia traz situações e entrevistas vivenciadas com crianças e professore(a)s de escolas de Educação Infantil. O texto ganha vida, pois pontos de vista das crianças e dos docentes são explicitados aproximando-nos de seus modos de compreender e viver o brincar. Penso que por problemas de doença na família Izabele não pode ampliar e aprofundar a articulação entre a prática, o vivenciado na escola durante o trabalho de campo, e a teoria. Faltou tempo. No entanto, a monografia revela a dedicação e empenho de Izabele na realização da pesquisa e produção do texto.

Pelo acima exposto, atribuo à monografia **a nota 8,0 (oito)**.

Rio de Janeiro, 18 de janeiro de 2011.

*Carmen Sanches Sampaio*



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

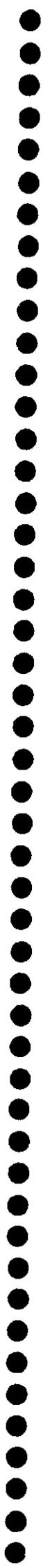
REDES SOCIAIS, O FENÔMENO:

Compreendendo a importância das relações rizomáticas e da linkania dentro da sociedade  
virtual

RODRIGO CRUZ SILVA

Rio de Janeiro

2010



Rodrigo Cruz Silva

REDES SOCIAIS: O FENÔMENO

Compreendendo a importância das relações rizomáticas e da linkania dentro da sociedade virtual

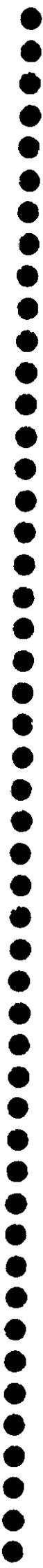
Monografia apresentada à Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do título de licenciatura em Pedagogia

Orientadora: Sandra Albernaz de Medeiros

Rio de Janeiro  
2010

## AGRADECIMENTOS

O presente trabalho é dedicado a todos os verdadeiros mestres que me acompanham ao longo dessa trajetória, sejam eles discentes, familiares, amigos ou teóricos com os quais tive contato. Agradeço a todos, do mesmo modo que agradeço às trocas que experimentei com o humano, pela oportunidade que me deram em me ensinar o real valor daquilo que constitui o valor maior na vida: a capacidade de amar e construir laços significativos de afeto. Ao amor, a esse sentimento inexplicável e tão forte que me impulsiona nas batalhas diárias e inglórias neste mundo tantas vezes estéril, frio e impessoal. E, especialmente, a quem me ensinou a amar incondicionalmente, sem máscaras, fraudes ou platonismo.



EPÍGRAFE

A vida é breve, a alma é vasta.  
(Fernando Pessoa)

## RESUMO

Este trabalho final busca investigar um fato inexorável dentro da sociedade em que vivemos, entendido pela necessidade dos indivíduos em relacionar-se em redes. Por conta dos incrementos oferecidos pelas tecnologias da informação e computação, a oferta de interação e conectividade passa a ser cada vez mais imediata e massificada, o que nos leva a um momento de imersão inédito na história da humanidade, rompendo as barreiras espaço-temporais e proporcionando novos arranjos sociais, políticos, profissionais, educacionais e afetivos.

Dessa forma, há que se entender como se estrutura esse novo modelo social cada vez mais pautado pela ramificação de idéias, saberes, valores, opiniões e desejos, expresso na forma de atuação individual no plano das redes sociais, de modo a permitir que acompanhem tais mudanças na velocidade em que elas se revelam na contemporaneidade, evitando um utopismo excessivamente romântico das possibilidades que o mundo virtual nos oferece, bem como uma tentativa de “demonização” de tal realidade que, por mais efêmera que pareça, permeia nosso cotidiano de maneira indelével e nos leva a novas configurações nas relações sociais e nos campos do afeto.

Palavras-chave: rizoma, redes sociais, “linkania”, Web 2.0

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
CAPÍTULO 1:	
A Sociedade em Rede:	
A Internet, as Redes Sociais e o Seu Histórico.....	11
CAPÍTULO 2:	
O Indivíduo na Rede:	
Um relato investigativo .....	20
CAPÍTULO 3:	
Conclusão.....	27
Referências.....	31

## Introdução

O trabalho procura analisar o ambiente das redes sociais e suas interrelações através de uma perspectiva etnográfica amparada na investigação do espaço virtual. A escolha por essa metodologia se deu, pois eu mesmo enquanto usuário da Internet e freqüentador de algumas das redes sociais envolvidas teria como compreender melhor como as mesmas se estabelecem e poderia aplicar a minha vivência anterior nesta prática de investigação de um fenômeno para o qual não se pode virar as costas nos tempos atuais.

Dessa forma, optei por mapear as redes sociais e comecei a analisar o meu próprio comportamento dentro delas. Comecei a questionar sobre os reais motivos de buscar uma conexão com pessoas que estavam muitas vezes separadas por quilômetros de distância, procurando uma imersão em uma realidade que, para muitos, é vista como irreal, efêmera ou ilusória. Por outro lado, percebia o espaço virtual como um campo riquíssimo em possibilidades de troca, pois o que prevalece neste campo são as possíveis identificações, ou a convergência de visão, de maneiras de encarar a realidade.

Ninguém acessa uma página na Internet, ou “clica” em um perfil de outra pessoa por mera obrigação, na realidade, o fenômeno se estabelece de maneira inversa. As pessoas singram entre janelas, fotos, frases de efeito e ali permanece por encontrarem algum tipo de eco, de identificação, algo tão raro, apesar das inúmeras ofertas de conectividade. No fundo, a impressão que me dá é que todos somos ilustres desconhecidos no meio da multidão, e, ao mesmo tempo, vivemos sequiosos por conhecer o outro que não se revela, ou se revela fragmentado através de um avatar (uma imagem projetada no espaço virtual).

Com base nesse motivo, não me cabia alternativa melhor senão empreender a pesquisa etnográfica no campo virtual, pautada pela minha própria experiência pessoal. Por isso, devo relatar também qual o meu grau de imersão nesse mundo tão diáfano e, contraditoriamente, tão rico em experiências pessoais e afetivas. Muitos se revelam quando estão atrás de uma tela, quando usam as palavras como escudo, muitos se permitem ser o que não são, ou aquilo que escondem.

Logo, volto à minha história pessoal. Tive meu contato com a Internet no final de 1996, quando as conexões eram lentas e precárias, o que não reduziu o meu gosto pelo contato virtual e pelas múltiplas possibilidades que, mesmo naquele período incipiente, já se aventavam aos meus

olhos e englobavam os meus pensamentos. Ao longo dos anos, fui me concentrando principalmente em decifrar, ou compreender as motivações dos indivíduos por detrás da máquina, quer por timidez, quer por excentricidade. Não importava, mas para mim, sempre contou muito mais o aspecto humano e as possibilidades de construção de afeto, mesmo que pautadas pela aparente frieza de cabos, placas-mãe, bytes e bits de informação.

Por esse motivo, nunca fiz muita distinção entre um amigo de escola, vizinho, parente, ou aquela pessoa que se comunicava comigo através de um link digital. Creio ser pelo mesmo motivo que não me interessem em decifrar os sistemas binários, mas sim os códigos humanos daqueles que transitavam, criavam e alimentavam o espaço virtual. Com o tempo, as regras de conduta (chamadas de “netiqueta”) passaram a me interessar, pois lhe permitiam perceber como as pessoas podiam se manifestar de maneira direta ou sub-reptícia dentro deste espaço virtual, incompleto, fragmentado e, talvez por isso, tão múltiplo e dado à convergência (de idéias, de opiniões, de valores e afetos).

Por isso não poderia escolher outro tema que não fosse este para concluir um curso de Ciências Humanas, especialmente na Pedagogia, saber tão fortemente amparado na força do afeto, na importância da interação, afinal, ninguém aprende sozinho, todos tem algo a oferecer.

Logo, não caberia outra possibilidade que não fosse, torno a dizer, empreender a pesquisa de cunho etnográfico, visto que:

A etnografia, em sua forma básica, consiste em que o pesquisador submerja no mundo que estuda por um tempo determinado e leve em consideração as relações que se formam entre quem participa dos processos sociais deste recorte de mundo, com objetivo de dar sentido às pessoas, quer esse sentido seja por suposição ou pela maneira implícita em que as próprias pessoas dão sentido às suas vidas. (AMARAL, NATAL e VIANA, 2008, p. 35)

Ao me debruçar sobre o trabalho, fui acometido por uma série de conflitos e questionamentos de grande importância. Como filtrar tanta informação, pois estava bombardeado pelos dados, pensamentos e questões típicas da hiperconectividade? Como falar sobre o tema sem evitar a exposição da minha própria pessoa. Assim, ao analisar a estrutura da investigação

etnográfica, pude solucionar um dilema essencial, que tratava do distanciamento do sujeito reflexivo e agente do trabalho (eu mesmo) e o objeto investigado (o espaço virtual). Ao reconhecer na idéia de uma “netnografia”, ou etnografia virtual, me confortei sabendo que seria impossível falar de tal tema sem deixar de abarcar minhas próprias experiências.

Então, passei a empreender uma investigação sobre a minha conduta dentro da rede, voltando à reflexão inicial, mas empregando um rigor maior nos objetivos deste trabalho. O que eu buscava descobrir, ou comprovar? Onde eu desejava chegar com esta pesquisa?

As dúvidas me atormentavam, me impediram de produzir muita coisa. Por muitas horas permaneci estático defronte ao computador, pensando, pensando, sem chegar a qualquer conclusão. Tive idéias que julgava geniais, porém eram rechaçadas por mim mesmo, ao considerá-las inexecutáveis. Pensei em criar um blog apenas para a divulgação do trabalho, mas será que as minhas experiências anteriores nas relações virtuais seriam descartadas ao fazê-lo?

As conclusões começaram a irromper quando, percebi que a questão central da minha busca na Internet tratava do afeto, da troca, do contato com o outro. Interrompo minha reflexão pessoal ao analisar, de acordo com Back (1951), como os grupos se relacionam psicologicamente, sendo entendido como o aspecto de “atração pessoal entre componentes”.

Em suma, eu buscava na Internet pessoas que fossem um pouco de mim, que estivessem ali não necessariamente por serem semelhantes, mas que talvez tivessem as mesmas motivações. Ao perceber isso, estava começando a destrinchar o novelo, a encontrar o “Fio de Ariadne” que me permitiria sair do labirinto no qual a minha mente havia se perdido.

Afetos, desejos, sonhos, tudo isso se mistura na Grande Rede, tudo isso se funde, se mescla. Ao optar por investigar como o rizoma, o conhecimento interrelacional, as trocas simbólicas, a noção de que o mundo das idéias, “de onde se atualiza o virtual”, segundo Pierre Levy (1996), é sempre mergulhado no elemento do afeto, consegui superar o bloqueio no qual estava cativo.

Dessa forma, pude perceber como operam de fato, os coletivos humanos, calcados e amparados no *afeto*, nos afetos, nos gostos e nas impressões. Através disso, me reporto a este trabalho para propor a investigação do *rizoma (ou do saber rizomático) e da “linkania” (discutida a seguir) como mediadores e propagadores do afeto no espaço virtual.*

Assim, o objetivo deste trabalho se encontra traçado e diz respeito à necessidade de investigação das redes sociais como agentes afetivos e promotores de uma integração de um

mundo tão estéril, tão árido, mas onde as pessoas, conforme mencionado anteriormente, caminham, navegam, clicam, acessam ávidas e sequiosas por trocas autênticas, ainda que permeadas por uma interface virtual.

Para desempenhar esta pesquisa, me senti forçado a expor toda a minha vida virtual, que se mescla de maneira indelével com a real, apesar de uma certa resistência ao exibicionismo. Assim sendo, desisti de entrevistar outras pessoas e passei a escrutinar a minha conduta pessoal, recorrendo a ela para abordar o próprio espaço virtual, partindo das minhas experiências como instrumento de comprovar algo que é muito maior do que o próprio indivíduo, ou seja, o desejo e a sensação de pertencimento, condição cada vez mais tênue e, paradoxalmente, cada vez mais importante ao sujeito da modernidade (ou talvez da “supermodernidade”).

Marc Auge vai emitir uma consideração que auxilia nessa percepção do que pode ser visto como (super) modernidade, quando entende que:

“A antropologia pós-moderna origina-se (paguemo-la na mesma moeda) de uma análise da supermodernidade cujo método redutivista (...) não passa de uma expressão particular.

Nas sociedades ocidentais, pelo menos, o indivíduo quer um mundo para ser um mundo. Ele pretende interpretar por e para si mesmo as informações que lhes são entregues.” (AUGÉ, 1994, p. 38)

Somente através do reconhecimento deste campo de expressão de “um mundo para o meu mundo interno” é que se tornaria possível discorrer sobre a possibilidade de estabelecer vínculos no campo virtual, mundo por mim escolhido para promover as trocas diáfanas em miríades de sonhos, desejos e experiências. Por esse motivo, o espaço virtual se configura como cenário privilegiado, pois constitui a expressão máxima da (super) modernidade.

## Capítulo 1:

### A Internet, as Redes Sociais e seu histórico.

Podemos afirmar que redes sociais fazem parte de um arranjo já presente nas sociedades humanas desde que as mesmas se estruturam. Não é possível precisar exatamente quando os indivíduos começaram a se agrupar de acordo com interesses em comum, fossem estes profissionais, afetivos, de classe ou ideológicos.

De acordo com tal premissa e considerando como as culturas se disseminam através das interações e demais modalidades de trocas sociais, fica evidente que a necessidade humana de se agrupar em redes, reforçando uma noção de “pertencimento” (a determinado grupo, estrutura social ou instituição), vem se constituindo como uma ferramenta crucial no desenvolvimento das sociedades ao longo da história da humanidade.

Porém, o que se verifica na transição entre os séculos XX e XXI, notadamente marcados pela explosão da interação entre indivíduos, grupos, instituições, idéias e crenças, através dos incrementos tecnológicos no campo da informação (especialmente nas telecomunicações e micro-informática), é um amplo acesso a toda sorte de intercâmbio, em uma velocidade cada vez mais assombrosa.

A palavra de ordem desta nova estrutura social é “conectividade”, através da qual se torna possível compreender a imersão e a inserção dos indivíduos dentro das redes de relacionamentos que se interpenetram e reverberam constantemente, de modo a fundir com uma intensidade jamais vista os mundos do real e do virtual.

Ao longo deste trabalho, pretendo relacionar o termo conectividade com outro conceito, o de “linkania”, defendido por Hernani Dimantas, que será amplamente discutido a seguir. Por ora, nos reportamos à definição sugerida pelo autor em questão quando o mesmo entende que:

“Falar de linkania é, sobretudo, abrir espaços para possibilidades nas quais reverbera uma “multidão hiperconectada”, movimento de auto-organização do caos. Um pensamento, uma inserção no mundo das idéias e das coisas, a generosidade de *linkar*. O ato, o prazer, o amor de buscar na colaboração uma nova

forma de produzir e ser feliz, de se ver como um link. Tudo isso implica a participação ativa das pessoas em rede, uma troca generosa de links que catalisa a conversação, provoca e solidifica o engajamento em rede.” (DIMANTAS, 2010, p. 22)

Para entender melhor como se processou este fenômeno, é necessário analisar com mais critério a natureza das revoluções tecnológicas, especialmente no que diz respeito à existência e consolidação da Internet. A rede mundial de computadores, interface que envolve o imaginário humano com uma voracidade brutal, permeando conversas cotidianas, redefinindo processos produtivos, políticos, afetivos e culturais, já é um fenômeno inexorável há pelo menos uma ou duas décadas dentro dos principais centros urbanos do planeta.

Mesmo os seus detratores são incapazes de negar tal fato, o que nos leva à necessidade de destrinchar tal fenômeno com maior detalhamento, a fim de compreender seus desdobramentos e como se relacionam estruturalmente na sociedade atual, compreendida como “Era da Informação” e como se estabelecem os processos formativos e interativos dentro dos quais a produção, apreensão e disseminação dos saberes humanos podem ser inseridos.

O embrião deste modelo de sociedade como a entendemos pode ser definido cronologicamente com o advento da micro-informática para uso doméstico, através da disseminação dos computadores pessoais (PCs), entre as décadas de 1970 e 1980. A partir desse processo, é possível então se pensar numa rede de computadores sem interação espaço-temporal.

A transferência de informações e conhecimento pelas BBS (Bulletin Board Systems) era restrita a algumas empresas e centros de pesquisa, cujo propósito era facilitar as transações comerciais ou a produção intelectual. Segundo a enciclopédia virtual Wikipedia, desde a instalação da primeira BBS em fevereiro de 1978, nos Estados Unidos, até o seu ocaso nos anos 90, a tônica geral na maioria dos casos e que contribuiu para o crescimento dessa ferramenta foi o reconhecimento do seu caráter lúdico por parte dos usuários, ainda que alguns operadores de sistema (SysOps) cobrassem pelo acesso.

A abertura da Internet para fins comerciais e não-acadêmicos vem a ocorrer a partir de 1988, com a aprovação do governo norte-americano para o sistema comercial de correio eletrônico e subsequente permissão para a criação de três provedores comerciais de acesso à rede. Ainda segundo a Wikipedia, a partir desses fatos, houve um movimento de integração das redes

privadas com as redes de pesquisa acadêmica, muito por conta da disseminação e adesão ao protocolo TCP/IP, cuja interface com qualquer tipo de rede de comunicação com extrema agilidade, o que também contou com a implementação da grande parte dos sistemas operacionais UNIX.

A etapa seguinte a este processo trata da criação da Grande Rede como a conhecemos, também chamada “World Wide Web”, ou simplesmente web. Sua instalação se deve ao investimento da Organização Européia para a Investigação Nuclear (CERN). O consultor de engenharia de software de tal instituição, Tim Berners-Lee, através de diversas pesquisas ao longo da década de 80, elaborou um programa de armazenamento de informação chamado Enquire que permitiu a estruturação do hipertexto em 1989. A interface hipertextual permitia que as pessoas trabalhassem de maneira colaborativa em documentos digitais dentro da rede, reescrevendo, complementando ou acrescentando novos dados em conjunto. Com isso, Berners-Lee estava catapultando o desenvolvimento da grande rede, que operou internamente no CERN, até sua disseminação global dois anos depois.

Percebemos então como se encerra um ciclo inicial na micro-informática que trata da disseminação e massificação da tecnologia dos computadores pessoais, conforme comentado anteriormente. Lemos (2004) vai corroborar tal percepção, afirmando também que a massificação da Web no período mencionado acima permitirá que se pense em “computadores coletivos” (CCs), ou uma possibilidade de comunicação ubíqua (sem fio e em tempo real, derrubando as fronteiras físico-espaciais), expandindo as possibilidades de conexão entre indivíduo-máquina, indivíduo-indivíduo e até mesmo máquina-máquina.

Dentro de tal concepção, a própria Web é vista como o computador central, de onde se ramificam todas as possibilidades de interação virtual posteriores, graças ao incremento técnico na transmissão de dados físicos (por fibra ótica, “bluetooth” ou satélite) ou através dos softwares e demais redes de relacionamento entre os usuários, tais como: blogs, fóruns de discussão, aplicativos em P2P (“peer-to-peer”, ou seja, transferência de informação par-a-par, de usuário a usuário) que já existiam em menor escala na primeira etapa da revolução no campo da micro-informática.

Assim, podemos compreender como a natureza dessa nova etapa da Web aponta para as múltiplas possibilidades interativas dentro da rede, entendendo-a como um espaço amplo e geral de conectividade, permitindo um fluxo máximo de mobilidade na e pela Web, resignificando

assim as noções de espaço, distância, privacidade e outras concepções próprias da interação social. Temos então, uma definição para uma outra etapa nas relações da (e na) Internet, definida extensamente por uma série de pesquisadores, usuários, ciberativistas, “hackers” e instituições através do termo “Web 2.0”.

O grande diferencial desta nova configuração da plataforma virtual diz respeito ao uso dos softwares dentro da própria rede, de maneira integrada entre todas as máquinas que possuam uma conexão via Internet. Dessa forma, os programas são agrupados e operam do mesmo modo que os serviços dentro do mundo físico, bastando que você os acesse, em alguns casos gratuitamente e em outros, mediante pagamento, não havendo a necessidade de instalar um programa a cada vez que o acessa de uma máquina diferente, ou seja, prescindindo de um determinado sistema operacional.

Outro conceito também atrelado à noção da Web 2.0 considera a possibilidade de correção, renovação e atualização constante dos softwares e demais aplicativos em tempo real, de acordo com o fenômeno do “Beta perpétuo”. A partir deste fato, os usuários e desenvolvedores de sistemas podem agir como servidores de maneira autônoma, o que acelera ainda mais a velocidade com que os programas se atualizam para atender as demandas dos usuários, contribuindo para a maior eficácia no desempenho junto aos softwares utilizados.

Um exemplo claro e prático desta modalidade de interação entre usuários, que é fortemente amparado pela condição assegurada aos mesmos de servidores e disseminadores, ampliando e sofisticando ainda mais o grande rizoma que é o mundo virtual, são as plataformas em rede P2P, já mencionadas anteriormente, cujo diferencial trata justamente da descentralização das informações nos servidores. Ou seja, cada computador é visto como um servidor em potencial, disponibilizando e absorvendo informações e arquivos, sejam eles de texto, música, imagens, vídeos ou conteúdo, através de trocas livres entre os usuários.

Mesmo as páginas tradicionais da Internet foram levadas à adaptação ao incremento do seu conteúdo por conta da nova revolução no campo virtual, oferecendo maior interatividade aos usuários, através da possibilidade de personalização do seu conteúdo e tornando públicos os comentários dos mesmos e, em alguns casos, oferecendo a chance de uma automoderação (ou autogestão) do espaço virtual, conforme verificamos nos fóruns de discussão ou outras modalidades de redes sociais espalhadas pela grande rede, onde os próprios usuários definem quem, o quê e como a informação, as pessoas e conteúdos deverão circular.

Diante desse cenário, verificamos uma crescente preocupação com a questão da flexibilização da autoria e, de modo análogo, da definição dos direitos de imagem, conforme percebido na iniciativa de “copyleft”, antagônica aos princípios tradicionais do direito autoral, porém própria à perspectiva rizomática tão decantada por Deleuze e Guattari (1995).

A questão da autoria passa a ser vista por alguns entusiastas da liberdade de expressão e da produção colaborativa, de maneira análoga à noção de “cut-up” de Burroughs, por mim entendido como a sobreposição de um texto sobre outro em permanente inacabamento e, ampliando tal noção, passa a incluir também a possibilidade de múltiplas cabeças pensantes como autores.

Vemos então como a abertura, acompanhada pela disseminação de conteúdo na Web 2.0 acaba assumindo valor significativo, através do surgimento de licenças digitais como a Creative Commons e as ações cross-media (fusão da Internet com outras mídias comunicacionais), que serão discutidas e exemplificadas nos capítulos subseqüentes, cuja principal característica trata da reutilização conteúdo informacional por parte dos usuários interessados em fazê-lo. E é nesse cenário que as redes sociais se consolidam como expressão maior da estrutura ramificada de onde derivam as trocas de saberes, afetos, conhecimentos e discursos, constituindo-se como espaço privilegiado da “linkania” que caracteriza a sociedade atual.

Neste cenário, encontramos a proliferação de diversas redes sociais pipocando ao longo do planeta, contando com maior ou menor adesão em diferentes regiões e tratando dos diferentes temas (música, leitura, comportamento, política, relacionamentos, ativismo social, entre outros tantos), mas todas elas contando com uma abrangência verdadeiramente global, estendidas a qualquer região onde se tenha a possibilidade de uma conexão entre computadores via modem.

Visto isso, podemos passar a analisar pormenorizadamente cada um dos representantes das redes sociais selecionados para a realização do trabalho. Vale ressaltar que a escolha se deu obedecendo aos critérios de investigação etnográfica que consideravam o meu grau de envolvimento pessoal e familiaridade com cada um deles, bem como com a sua relevância dentro da sociedade e também com o grau de conectividade (ou “linkania” presente em cada um deles).

Os primeiros deles que serão analisado são os “blogs”, cujo termo data de 1997 e é derivado da expressão “weblog” (ou, gravação na rede, em tradução literal), ferramenta cuja principal função é informar de maneira rápida e contando com atualização imediata sobre um

dado assunto, notícia ou fato, utilizando-se de diversas funções em suas páginas, que podem ser apenas o conteúdo, imagens, vídeos e a rede de colaboração na qual o blog se encontra inserido.

Também faz parte da natureza do blog informar e disponibilizar conteúdos relacionados ao tema inicial de maneira ramificada, indicando através do hipertexto outros sites, blogs relacionados e demais aplicativos que venham a interessar ao navegante. Uma característica marcante dos weblogs é que, mesmo oferecendo a possibilidade de conteúdo eles não exigem um domínio de alguma linguagem específica de programação (como HTML ou Java, as principais modalidades de protocolos virtuais adotadas pelos programadores na rede).

Tal característica contribui para que os blogs sejam vistos e assumam a condição de “diários virtuais”, onde o proprietário do espaço registra suas experiências pessoais e as compartilha com aqueles que o acompanham, porém isso não é uma norma geral, nem tampouco uma obrigatoriedade para definir a atuação de um blog. Existem blogs que são geridos por mais de um proprietário e outros que abordam temas diversos e fogem desse tipo de conceituação.

No país, o principal domínio dentro da Internet dos blogs é o Blogspot (pt-br.blogspot.com), ligado à gigante virtual Google, seguido pelo Wordpress (pt-br.wordpress.com). Ambos os blogs possuem uma elevada autonomia para postagem, apresentando configurações de privacidade que impedem a veiculação de informações quando necessário, bem como uma elevada possibilidade de interação entre os usuários e entre os próprios blogs, pois suas páginas principais indicam quais blogs são mais visitados ou aqueles que receberam atualização recente. O diferencial do Wordpress trata do uso de licença em código aberto, o que facilita a produção de conteúdo para aqueles mais familiarizados com a linguagem de programação, conferindo um caráter mais “jornalístico” ao domínio.

No segundo capítulo, nos debruçaremos sobre a natureza de alguns blogs dentro da interface do Blogspot, visto que mantenho nele um blog desde novembro de 2007 chamado “Desafiando a Morte” ([www.desafiandoamorte.blogspot.com](http://www.desafiandoamorte.blogspot.com)), cuja proposta central é falar sobre e publicar poesia, intercalando publicações de minha autoria com as de outros autores, consagrados ou não.

A aglutinação entre os diferentes blogs contribuiu para a definição de um termo muito apropriado que corresponde à compreensão do rizoma dentro do espaço virtual e, por conseguinte, à idéia de “linkania”, que é expressa na noção de “blogosfera”, entendida como uma congregação de blogs, ou uma comunidade global de blogs e suas interrelações. Segundo o portal Wikipédia,

existem cerca de 112 milhões de blogs e o crescimento é diário, em torno de 120 mil novas adesões à blogosfera.

Outra ferramenta de destaque no campo das redes sociais é o Twitter ([www.twitter.com](http://www.twitter.com)), criado em 2006 e que vem se constituindo como um verdadeiro divisor de águas na relação da Internet com a sociedade civil, especialmente no campo midiático, motivo pelo qual vem recebendo muita atenção de grandes empresas e marcas desejosas por associarem-se ao microblog.

Por se tratar de um misto de “microblog” (cujas publicações ou “postagens” são limitadas a 140 caracteres por vez) com rede de relacionamentos, pois cada membro pode, concomitantemente, “seguir” (acompanhar as postagens dos outros usuários) ou ser seguido (apresentar suas próprias postagens no perfil do seguidor), o Twitter constitui uma ferramenta extremamente ágil para informar pessoas em larga escala sobre fatos cotidianos, que podem passar pelos resultados eleitorais em um país com pouca visibilidade, incidentes em locais afetados por desastre naturais, crises na esfera civil e até mesmo, para burlar determinadas leis, dependendo da intenção de quem o alimenta.

Através do recurso dos Trending Topics (uma lista dos perfis e comentários mais acessados em todo o mundo), os usuários passam a saber o que anda acontecendo na esfera global através desse indicativo, pois a informação é disseminada de maneira exponencial e instantânea. Por esse motivo, seguir as pessoas que estão altamente inseridas dentro dessa rede social, pode assegurar uma futura adesão ao seu perfil, de acordo com o seu grau de imersão dentro do microblog.

Apesar de algumas críticas à sua superficialidade, é inegável o impacto do Twitter como ferramenta inicial de acesso à informação, principalmente no que diz respeito às manchetes e atividades de cobertura rápida, motivos pelos quais certos veículos da imprensa recorrem a ele com demasiada frequência, como forma de conseguir maior agilidade em sua cobertura.

Também é interessante declarar que em setembro de 2010, durante minha pesquisa para este trabalho aderi ao microblog, através do perfil @rodrigo\_zer0 (ao acessar o microblog, todos os apelidos são antecidos de uma “@”) ou [www.twitter.com/rodrigo\\_zer0](http://www.twitter.com/rodrigo_zer0), na tentativa de me familiarizar com esta interface comunicacional e venho encontrando resultados interessantes, que serão detalhados no capítulo a seguir.

Um outro exemplo lapidar da força das redes sociais pode ser visto na história do Facebook ([www.facebook.com](http://www.facebook.com) ou [www.facebook.com.br](http://www.facebook.com.br)), criado em 2004 por Mark Zuckerberg, à época um estudante norte-americano da Universidade de Harvard. Inicialmente, a rede social surgira com o propósito de congregar estudantes universitários de diferentes pontos do território norte-americano, porém logo a iniciativa se disseminou, de modo que os administradores passaram a ampliar o acesso à rede, de modo que atualmente o Facebook conta com cerca de 500 milhões de membros desejosos em compartilhar sua intimidade no espaço virtual de relacionamentos.

O Facebook dispõe de elementos variados das redes sociais, como uma ferramenta de bate-papo, espaço disponível para publicação de álbuns de fotos e de vídeos, aplicativos variados de entretenimento como jogos, quizzes (atividades de perguntas e respostas), lista de preferências (que podem ser musicais, gastronômicas, de consumo, geográficas, culturais ou políticas) e uma listagem de eventos onde o usuário pode confirmar sua presença ou justificar uma eventual ausência.

Com este perfil, fica evidente o apelo crescente que a rede social dispõe e como ela consegue dialogar com relativa facilidade com o dito mundo real. Há também uma ferramenta de busca por usuários ou temas dentro do Facebook que é muito utilizada, além de o próprio domínio indicar pessoas com interesses ou amigos em comum para que você venha a optar por adicioná-los.

O meu acesso ao Facebook data do segundo semestre de 2009, desde quando mantenho o seguinte perfil (<http://www.facebook.com/#!/profile.php?id=100000445624415>), ou através do meu nome (Rodrigo Cruz Silva), através do qual pude reunir amigos de vários contextos diferentes (época de escola, colegas de faculdade, familiares, parentes e pessoas a quem admiro).

Há uma outra rede social que, apesar de não congregar tantos usuários, merece destaque pelo seu perfil específico, chamada Skoob ([www.skoob.com.br](http://www.skoob.com.br)), cuja peculiaridade é ser uma comunidade virtual de leitores e escritores. Sua interface é voltada para a criação de perfis onde cada membro lista os livros que leu, gostou e prefere, seguido de comentários e avaliações em uma escala de zero a cinco sobre cada obra. Além do perfil, o usuário pode informar quais livros está lendo, quais pretende ler e até mesmo qual deles você desistiu de ler, de acordo com o que preenche em sua estante. Com base nesse intercâmbio de dados sobre a leitura, percebemos como o mercado editorial brasileiro se beneficia do acesso a estas informações, visto que, os usuários

também realizam encontros regionais periódicos a fim de trocar impressões sobre o que andam lendo ou o que desejam ler.

Finalmente, a última rede social a ser investigada é o Avaaz ([avaaz.org](http://avaaz.org)), uma rede social que aborda o ativismo político em todo o planeta, contando com agentes de diversos movimentos sociais em mais de 50 países, espalhados por todos os continentes. Sua atuação se dá através de extensa mobilização virtual, envio de petições online, informativos e outras atividades de intervenção para obter retorno para as causas que defendem.

Contando com a mobilização de um grande grupo de voluntários, a instituição age de maneira independente e sem fins lucrativos, ou apoio de grandes corporações, além de contar com uma gama de atividades para sensibilizar e se fazer ouvir pelos governos, veículos midiáticos e demais integrantes da sociedade civil para pressionar por suas lutas em diversos campos (racismo, exclusão, pobreza, combate à corrupção, violência contra a mulher, entre outras).

De acordo com a página da organização, a Avaaz “tem uma única equipe de atuação mundial, com a missão de trabalhar com qualquer questão de interesse público”. Essa característica singular os leva a uma condição bastante peculiar, pois todos são igualmente importantes no processo de mobilização e a dimensão política da atividade socialmente responsável é capaz de alcançar frutos com extrema confiabilidade e retorno dos demais integrantes da sociedade civil.

## **Capítulo 2:**

### **O Indivíduo na Rede: um relato investigativo**

Conforme os avanços da Internet podem nos indicar, e os relatos listados no capítulo anterior nos confirmam, é possível afirmar a existência de diversas formas de organização dos indivíduos (e, por conseguinte, das estruturas coletivas) dentro do espaço virtual. Partindo desta premissa, optei por investigar detalhadamente as redes sociais e os interesses das pessoas nelas envolvidas em pertencer a cada uma dessas redes.

De antemão, percebi como, no caso do Twitter, ferramenta com a qual eu mantinha menor familiaridade, seria difícil adquirir uma grande quantidade de seguidores em tão pouco tempo, visto que eu precisaria dominar o microblog e suas nuances, além de dedicar muitas horas nesta atividade, algo que seria inviável ao longo deste trabalho.

Mesmo assim, os resultados me foram satisfatórios, pois os contratempos enfrentados me levaram a rever a estratégia inicial de divulgar os resultados da pesquisa e, ainda acreditando na possibilidade de realizar as entrevistas, disseminá-las via Twitter. Quando optei pela mudança de abordagem, preferi enfatizar nos temas que me eram mais palatáveis e com os quais encontrava maior identificação.

Com base nisso, nos primeiros dias procurei seguir pessoas ligadas ao esporte (futebol, no caso, concentrando preferencialmente em membros que listassem informações ligadas ao Fluminense Football Club, clube para o qual torço, e o Campeonato Brasileiro), a fim de verificar a eficácia do Twitter como fonte de informação. Passei a seguir um fórum de notícias sobre o Grêmio, mas rapidamente o descartei como fonte de investigação, pois me dispersaria muito do objetivo inicial.

De fato, muitas coisas se tornam disponíveis através do microblog com rapidez, e depois são repassadas ou coletadas por outros veículos, como o portal [globoesporte.com](http://globoesporte.com) ou o [esportes.uol.com.br](http://esportes.uol.com.br), com relativa rapidez, mas não cheguei a encontrar nenhuma informação inédita ou algo que fosse desmentido, o que me levou a crer que o Twitter poderia ser usado para acompanhar este tipo de notícias, desde que o usuário dispusesse de tempo para manter-se conectado.

Logo em seguida, passei a me concentrar em outro aspecto importante para mim: a música. Como já era sabido que muitos artistas utilizam as redes sociais como espaço de divulgação de shows, exibição de clipes (integrados ao youtube, outra rede social de exibição de vídeos que não fora contemplada nesse trabalho) ou informações gerais sobre novos álbuns, sugestões de músicas ou comentários de fãs sobre suas obras, achei que seria mais interessante investigar este nicho de pesquisa.

Assim sendo, procurei artistas, produtoras e eventos de Rap, ou ligados à cultura Hip-Hop, pois me identifico com a proposta musical e percebo neles uma grande potencialidade no trabalho autônomo e independente, apropriando-se da rede para lançar o material fonográfico gratuitamente (postando links de músicas para compartilhamento de arquivos), divulgando os eventos com os quais se associam e outros artistas com os quais colaboram.

Em alguns casos, encontrei também perfis que remetiam a trechos de músicas, o que me agradou em demasia, pois percebi neste tipo de iniciativa uma ferramenta de divulgação agradável, sem ser invasiva e que permitia aos artistas agregar novos fãs. Neste processo, gostaria de destacar o trabalho do MC Emicida, de São Paulo ([twitter.com/emicida](https://twitter.com/emicida)), um cantor de rap cuja obra é disponibilizada através de uma gravadora independente, chamada Laboratório Fantasma, ([twitter.com/lab\\_fantasma](https://twitter.com/lab_fantasma) ou [@lab\\_fantasma](https://twitter.com/lab_fantasma)), que também produz outros artistas que não dispõem de espaço na grande mídia.

O “rapper” paulista concentra grande parte das suas postagens na divulgação do seu trabalho, dos lugares por onde excursionará, informando também das atividades e eventos de outros artistas, como o MC Kamau, ([twitter.com/Kamau\\_](https://twitter.com/Kamau_) ou [@Kamau\\_](https://twitter.com/Kamau_)), MC Marechal ([twitter.com/mcmarechal](https://twitter.com/mcmarechal) ou [@mcmarechal](https://twitter.com/mcmarechal)), além de portais, rádios “online”, revistas digitais sobre música e comportamento, programas de televisão e blogs que contemplassem a temática do Hip-Hop ou da cultura de rua, tais como: [@radioboombshot](https://twitter.com/radioboombshot) ([twitter.com/radioboombshot](https://twitter.com/radioboombshot)); [@maissoma](https://twitter.com/maissoma) ([twitter.com/maissoma](https://twitter.com/maissoma)); [@per\\_raps](https://twitter.com/per_raps) ([twitter.com/per\\_raps](https://twitter.com/per_raps) ou <http://www.perraps.com.br/>) [@manoseminastv](https://twitter.com/manoseminastv) ([twitter.com/manoseminastv](https://twitter.com/manoseminastv) ou <http://www.tvcultura.com.br/manoseminas/>).

Analisando o processo de divulgação contido em todos os links listados acima, ficou claro como a postura independente contribuía e referendava a proposta do rizoma prevista por Deleuze, pois todos recebiam retorno dos fãs em acessos, participação em shows, comentários e acessos

aos sites, o que me satisfaz bastante, pois acredito que, ainda sem dominar os conceitos propostos pelo teórico francês, o disseminavam na prática com incrível precisão e naturalidade.

Para ilustrar o que verifiquei nessa dinâmica estrutural daquilo que classifico como “Nova Escola do Rap Independente”, ou seja, o grupo de artistas e produtores culturais envolvidos na ampla teia de relações explicitada acima, acabo por recorrer ao conceito proposto por Deleuze quando o autor trata do “Princípio de Multiplicidade”, ou seja:

---

“Uma multiplicidade não tem nem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza (...). Os fios da marionete, considerados como rizoma ou multiplicidade não remetem à vontade suposta uma de um artista ou de um operador, mas à multiplicidade das fibras nervosas que formam por sua vez uma outra marionete seguindo outras dimensões conectadas às primeiras.” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 16)

---

A relação proposta entre a estrutura naturalmente ordenada entre os artistas independentes que, ramificam os seus talentos e atividades profissionais com uma intrincada teia de colaboração se mostra um exemplo nítido de como os ramos rizomáticos se fundem, entrecruzam e percorrem distâncias sem qualquer tipo de antagonismo. Não há uma liderança, ou sequer uma hierarquia, mas todos se ajudam mutuamente, de maneira espontânea e conseguem um espaço que jamais seria possível a todos se recorressem aos processos naturais de divulgação e distribuição midiática, pois neste caso estariam sujeitos a outras forças que os tensionariam, moldariam e formatariam suas obras ou posturas, sendo que, para ingressar nessa indústria musical cada vez mais competitiva, dificilmente conseguiram o mesmo espaço para todos.

A partir dessa iniciativa, os próprios artistas conseguem moldar e recriar as suas possibilidades de trabalho, contribuindo para a formação de um público atuante e fiel, que reconhece as semelhanças e interrelações entre os próprios artistas, o que os permite uma coesão no campo da autoria, das possibilidades de intervenção e controle totais sobre as próprias obras, juntamente com uma estruturação coletiva ainda maior e que seria impossível caso cada um

estivesse sob a orientação de uma gravadora considerada tradicional, pois ali há uma gama de aspectos comerciais (de divulgação, agendamento de shows, divulgação midiática de determinadas músicas para atender interesses de determinados programas visando um apelo e retorno imediato) que acabariam por se sobrepôr ao próprio talento ou a autonomia criativa dos artistas envolvidos.

Fica claro que, quando um músico obtém sucesso através da atuação de uma grande gravadora, os lucros costumam ser bem maiores, entretanto, o rizoma permite que artistas independentes desfrutem de uma segurança bem maior do que era possível em outros tempos e os mesmos podem desenvolver suas carreiras através de uma via paralela que os permite prescindir das grandes gravadoras e anunciantes, sem perder a dignidade ou sua qualidade de vida.

Para comprovar isso, podemos nos reportar à matéria presente no portal “Per Raps”, na qual vemos que o “rapper” Emicida vendeu mais de 10 mil cópias do seu primeiro álbum, intitulado “Pra quem já mordeu um cachorro por comida, até que eu cheguei longe”, sem contar com qualquer apoio corporativo nas etapas de divulgação, organização, distribuição ou logística, cobrando R\$ 5,00 por cada cópia vendida, sem abrir mão do profissionalismo ou da qualidade.

Ainda na realidade do Twitter, encontramos também um espaço para outra iniciativa até certo ponto semelhante, organizada pelo poeta e agitador cultural (e também paulista) Sérgio Vaz (@poeta sergiofaz ou [twitter.com/poetasergiofaz](http://twitter.com/poetasergiofaz)), responsável por organizar e divulgar através do seu blog (<http://www.colecionadordepedras.blogspot.com/>), um evento de grande repercussão na cena poética paulistana, chamado: “Sarau da Cooperifa”, que conta com o apoio da Cooperifa, uma entidade que busca capacitar e levar a arte aos habitantes das regiões periféricas, permitindo que os mesmos possam se apropriar de um tipo de cultura que tradicionalmente se mostra restrita aos círculos de classe média ou da elite, permitindo que os mesmos se familiarizem, criem, produzam a sua forma autônoma de arte, ressignificando-a de acordo com os seus anseios e com as suas formas singulares de expressão.

Fica claro, mais uma vez, como a descentralização presente no espaço virtual e expressa na articulação entre o saber rizomático e o fenômeno da “linkania” estão integrados e são focos efervescentes de criatividade latente para quem consegue entendê-los e, mais do que isso, se apropriar dos mesmos. Ou seja, é compreender como:

---

“A colaboração reaparece como um das formas de diminuir a fricção entre a sociedade e os anseios das pessoas. Surge uma consciência inequívoca de que a construção de baixo para cima tem muito a oferecer em termos de projetos coletivos. E assim, tudo muda. (...) Porque colaboração é processo, trata-se de produzir independente de retornos financeiros em curto prazo.” (DIMANTAS, 2010, p. 44-45.)

---

No caso do Skoob, rede social de leitores e amantes do livro, ocorre um outro fenômeno significativo, mas que opera de outra maneira. De acordo com a rede estabelecida, o que se verificou foi uma valorização crescente de autores novos e independentes, escrevendo em língua portuguesa e sem apoio de editoras grandes, mas estabelecendo um canal direto entre autor e o seu público.

O maior exemplo dessa iniciativa diz respeito ao livro “A Batalha do Apocalipse”, de Eduardo Spohr, que vendeu inicialmente cerca de 4 mil exemplares sem qualquer apoio de uma rede de distribuição de uma grande editora. Conforme afirma Ronaldo Pelli, no portal de “O livreiro”: *“Essa vendagem, é bom ressaltar, foi alcançada só pelo site da sua editora, sem a ajuda de livrarias, de uma grande editora dando ajuda promocional ou de resenhas em jornais tradicionais. Spohr é cria da Internet e da sua diversificação de gostos e proliferação de nichos.”* (PELLI, 2010)

Verificamos aí um exemplo de obra que surge na rede e para a rede, pois certamente o autor teve a sensibilidade em se aproximar dos seus leitores, preparando uma obra sob medida para um público capaz de apreciar o seu trabalho, sem se preocupar em atender aos interesses de uma grande editora e contando com uma interferência direta no seu trabalho. Assim, apenas com a identificação do grupo com a obra em questão, foi possível alcançar esse resultado tão significativo.

O caso do Facebook foi mais singular, pois eu possuo uma atuação constante dentro dessa modalidade de rede social. Por esse motivo, declaro que sua interface é significativa na tentativa de promoção de afetos, pois está amparada numa espécie de feedback constante daquilo que é comentado, lido, “linkado”, em qualquer momento. Quando você comenta algo no perfil de outra

pessoa e ela mesma (ou qualquer outro usuário) responde, o sistema automaticamente gera uma notificação, permitindo que a história não se encerre nela mesma. Por esse motivo, as conversas adquirem uma perenidade maior, pois um assunto comentado em um dia pode voltar à tona semanas depois, bastando que alguém o “resgate”.

Além disso, o Facebook dispõe de uma série de aplicativos que realizam testes de personalidade (“quizzes”) sobre os mais diversos temas, passando por assuntos triviais ou com um toque de humor, o que garante uma reação imediata das pessoas através da identificação com o assunto. Além disso, a rede social dispõe de uma gama de jogos que contam com a colaboração dos integrantes das suas listas de amizade, como o “Farm Ville”, “Máfia Wars”, “Café World”, entre outros, cuja característica em comum trata da necessidade em ter um grande número de amigos participando dos jogos para que eles possam trocar presentes e outros objetos na tentativa de tornar o personagem virtual mais poderoso.

Ainda que seja uma troca até certo ponto estéril, em um primeiro momento, essa necessidade de incorporação de novos integrantes aos jogos acaba contribuindo para a adesão de pessoas desconhecidas na sua lista de amigos, que podem ser de qualquer nacionalidade, conforme a minha própria experiência afirma.

Chega a ser até certo ponto inusitado, mas o relato pessoal merece registro, pois, durante cerca de 8 meses que joguei “Máfia Wars” um jogo cuja finalidade é altamente amoral, pois trata da escalada de um gangster no mundo do crime, onde ele deve roubar, matar, extorquir, chantagear, subornar, adquirir bens e armas com o dinheiro sujo do crime, fiz contatos com pessoas de todo o mundo, conversando e aprimorando o meu inglês.

Além disso, tive a sorte de estabelecer contatos afetivos com pessoas do meu próprio país, sendo um desses contatos extremamente positivo e gratificante. Digo isso, pois abandonei o jogo, dada a minha incapacidade em acompanhar as mudanças que os programadores aplicam constantemente como forma de manter o interesse dos participantes, mas os contatos com a pessoa em questão (cujo nome sou forçado a manter em sigilo por motivos pessoais da parte dela) se intensificaram de maneira inversamente proporcional ao meu envolvimento com o jogo.

Outro aspecto relevante do Facebook fala da possibilidade que a rede social oferece ao permitir que o usuário seja capaz de escolher interesses, conforme relatado. Quando você sinaliza que gosta de uma determinada banda, refeição, escritor ou cidade, você acaba se agrupando com outras pessoas, além de identificar quais dos seus amigos compartilham do mesmo gosto que

você. A partir desta possibilidade, muitas pessoas se empenham em estabelecer novos contatos interativos. No meu caso pessoal, o Facebook também me permitiu reencontrar no campo virtual antigos amigos de escola e vizinhos, através da varredura de perfis existentes na mesma cidade e outras informações pessoais.

O cenário político sofreu inúmeras transformações por conta do crescimento das redes sociais. Nas últimas eleições, foi significativo o número de pessoas que se manifestaram (a favor ou contra) na escolha dos candidatos, incluindo imagens alusivas a determinado político ou detratando outros. O maior exemplo disso pode ser visto na chamada “onda verde” que aumentou a contagem de votos da candidata Marina Silva (PV), quando comparamos o cômputo geral com as pesquisas de opinião.

Além deste aspecto, a condução do debate religioso ao longo das eleições também foi mediada pela repercussão do mesmo nas redes sociais, conforme declara Zenóbio Fonseca, ao afirmar que a realização do segundo turno também se deu por uma ampla campanha dos blogs e endereços de cunho cristão e evangélico pregando um direcionamento moral a favor de temas como fé, cidadania e aborto.

Após as eleições, houve uma campanha covarde contra a população nordestina promovida via Twitter por uma jovem chamada Mayara Petruso, culpando a região onde a candidata petista, Dilma Roussef recebeu a maior votação. Pelo microblog, a jovem incitava os seus seguidores a matarem nordestinos residentes no Estado de São Paulo, através de frases como: “Nordestino não é gente. Faça um favor a SP, mate um nordestino afogado”. A polêmica foi tão grande que Petruso teve sua conta no Twitter removida pelos administradores da rede.

### Capítulo 3:

#### Conclusão:

Ao longo de todo o trabalho, fui apreendendo e comentando determinados aspectos sobre a natureza das relações estabelecidas no plano das redes sociais e, a partir dos inúmeros exemplos listados, pude definir algumas posições sobre as relações rizomáticas e a idéia de “linkania” no espaço virtual, visto que ambos os conceitos são complementares e análogos entre si.

Com base na minha experiência pessoal, pude perceber que as pessoas estão desejosas de se relacionar, a hiperconectividade contribui muito para exacerbar este desejo e o espaço virtual constitui um palco adequado para isso. As pessoas podem se revelar nele da maneira que acharem melhor, suprimindo defeitos, mentindo ou, na melhor das hipóteses, se mostrando com o melhor daquilo que apresentam.

Independente dos excessos que possam existir nas plataformas virtuais, pois não é o objetivo deste trabalho estabelecer uma classificação moral daquilo que ocorre de certo e errado, positivo ou negativo na conduta individual dentro das redes sociais, o que se vê é uma busca pela troca, pelo contato com o outro, pela “linkania”.

Quer seja através de um amigo em comum, ou por uma preferência musical, por um projeto de trabalho, um convite a uma festa, ou por uma interação promovida dentro de uma interface virtual de um simulador da vida real, as pessoas estão desejosas de trocar, de buscarem o outro, de alcançar o universo simbólico do desconhecido, mas muitas vezes não sabem como fazê-lo.

É nesse ponto que entra o afeto verdadeiro, o sentimento de unidade, de integração e de pertencimento. Somente a partir dele é que podemos acessar os “coletivos humanos”, instância fundamental na integração da nossa sociedade, seja pelo plano do real ou na esfera do virtual, pois, segundo Pierre Levy:

“(…) o psiquismo é, desde o início, e por definição, coletivo: trata-se de uma multidão de signos-agentes em interação, carregados de

valores, investindo com sua energia redes móveis e paisagens mutáveis. (...)

Um imenso jogo afetivo produz a vida social. Um papel de seleção e de apresentação seqüencial desempenhado pelas consciências nas pessoas é cumprido de um jeito ou de outro nas coletividades por estruturas políticas, religiosas ou midiáticas que habitam em troca os sujeitos individuais.” (LEVY, 1996, p. 109).

Dessa forma, cumpre compreender como as pessoas, nas novas configurações sócioafetivas contemporâneas buscam se relacionar, sem condenar tais configurações. A tentativa de interação, ainda que por uma interface aparentemente fria, distante e estéril, como se apresenta o espaço virtual, pode ser o primeiro passo para a criação de verdadeiras redes de conhecimento (Dimantas, 2010), pautadas na estrutura rizomática como elemento integrador e capaz de propiciar um modelo colaborativo para as próximas gerações.

A minha própria experiência pessoal pode contribuir para mostrar como esse processo se estrutura. Ao longo deste trabalho, me confrontei com uma série de questões envolvendo o tema do afeto e o conflito entre distância-proximidade na esfera do virtual, pois o virtual, na sua descentralizada multiplicidade de posições e situações que oferece, não pode ser fim, mas sim meio, mídia ou suporte para o afeto concreto, palpável.

Através do contato com as redes sociais, com essa investigação, ironicamente pude encontrar o amor, percebi como as pessoas, se devidamente estimuladas, podem romper as fronteiras digitais na tentativa de construir um futuro melhor, mais humano, menos frio e perverso.

Dimantas (2010) vai novamente contribuir para este entendimento, pois complementa a noção de rizoma defendida por Deleuze quando afirma que “O rizoma garante a produção de subjetividades” (p.74). Talvez esteja nessa percepção a chave de um novo mundo calcado na aproximação, na ruptura das barreiras entre o virtual e o real, na crença de que a “linkania” só é possível quando sair das telas dos PCs, jogos eletrônicos e “notebooks”, para estimular um modelo de aprendizagem colaborativa onde os outros se encontrem (e queiram se encontrar) para

estabelecer a troca de informações, valores, saberes, desejos e afetos, como repetidas vezes se falou neste trabalho.

O caminho é o da conectividade, não através de bits, bytes e códigos binários, mas sim na compreensão de que a colaboração é o caminho. Pessoas se conectam e não máquinas, e essa é a hora de procurar promover uma sociedade que parta para a ação conjunta, valorizando o coletivo, através do amor, da fraternidade, do respeito mútuo, rompendo com o individualismo estéril da tecnologia estática, que não favorece a troca. Máquinas executam, homens pensam, amam, criam e sentem, com maior eficácia quando atuam em conjunto.

## Referências Bibliográficas

AUGÉ, Marc. Não Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas - SP, Papirus, 8ª Edição, 1994.

AMARAL, A., NATAL, G., VIANA, L. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. Revista Sessões do Imaginário, Porto Alegre, ed. 20, Dez.2008. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/view/4829>

DELEUZE, Giles e Guattari, Felix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. São Paulo, Ed. 34, 6ª Reimpressão, 1995.

DIMANTAS. Hernani. Linkania: uma teoria das redes. São Paulo. Ed. Senac São Paulo, 2010. Disponível em: <http://pub.descentro.org/midia/linkania.pdf>

LEVY, Pierre. O que é o virtual? São Paulo, Ed. 34, 9ª Reimpressão, 1996.

LEMOS, André. Cibercultura e mobilidade: a era da conexão. Revista eletrônica Razón y palabra. N.41. out./nov. 2004

PELLI, R. Eduardo Spohr: o autor de 'A batalha do Apocalipse'.04/03/2010. Disponível em: <http://oliveiro.com.br/blog/2010-03-04-eduardo-spohr-o-autor-de-%E2%80%98a-batalha-do-apocalipse%E2%80%99>

RODRIGUES, Aroldo, ASSMAR, Eveline e JABLONSKI, Bernardo. Psicologia Social. Petrópolis – RJ, Ed. Vozes, 18ª Edição, 1999.

<http://www.avaaz.org/po/about.php>

<http://br.noticias.yahoo.com/s/04112010/48/manchetes-ofensas-nordestinos-no-twitter-ganham.html>

<http://www.perraps.com.br/2010/07/26/emicida-comeca-producao-da-nova-mixtape/>

<http://oliveiro.com.br/blog/2010-03-04-eduardo-spoehr-o-autor-de-%E2%80%98a-batalha-do-apocalipse%E2%80%99>

<http://www.overbo.com.br/portal/2010/10/14/onda-verde-ou-onda-crente/>

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Ativismo\\_na\\_Internet](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ativismo_na_Internet)

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Bbs#Breve\\_historia](http://pt.wikipedia.org/wiki/Bbs#Breve_historia)

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Blogosfera>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Cibercultura>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Internet#Nomenclatura>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Skoob>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Twitter>

[http://www.verbeat.org/pesquisablogosferabrasil/verbeat\\_pesquisa\\_blogosfera\\_brasil\\_rel\\_v1.pdf](http://www.verbeat.org/pesquisablogosferabrasil/verbeat_pesquisa_blogosfera_brasil_rel_v1.pdf)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO  
Centro de Ciências Humanas e Sociais- CCH  
Escola de Educação – EE

## MONOGRAFIA II

ALUNO(A)/matrícula: Rodrigo Cruz Silva - 20041351033

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO: Redes Sociais, O fenômeno: Compreendendo a importância da linkania e das relações rizomáticas dentro da sociedade virtual

ORIENTADOR(A): Sandra Albernaz de Medeiros

### FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

#### PRIMEIRO AVALIADOR

Professor convidado: Alberto Roiphe

Nota : 8,0

Considerações:

O aluno não problematiza o tema, o que tem como consequência a falta de argumentação em seu texto. Sendo assim, a monografia se limita à exposição de ideias sobre as redes sociais. Não ocorre também relação entre o tema escolhido e a área de Educação.

DATA: 20.12.2010

Assinatura: [Assinatura]

**SEGUNDO AVALIADOR**

Professor orientador: Sandra Albernaz de Medeiros

Nota: 8,0

**Considerações:**

O tema escolhido é muito original e contemporâneo. O referencial teórico escolhido está muito pouco explorado e, por isso, fica subutilizado impedindo a análise da monografia <sup>em</sup> questões que podem e devem ser mais discutidas e analisadas por profissionais da Educação.

Data: 20.12.2016

Assinatura: Sandra Albernaz de Medeiros

**RESULTADO FINAL**

Avaliador 1	Avaliador 2	Média final
8,0	8,0	8,0

Rio de Janeiro, 21 de dezembro de 2016.

Sandra Albernaz de Medeiros

Prof. Orientador